

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

MICHELE A. SELAU DA SILVA

**MARCAS E FRAGMENTOS IDENTITÁRIOS, A REPRESENTAÇÃO DO
SUJEITO CONTEMPORÂNEO EM “ESTORVO” E “LEITE DERRAMADO”
DE CHICO BUARQUE**

**PORTO ALEGRE
2012**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

MICHELE A. SELAU DA SILVA

**MARCAS E FRAGMENTOS IDENTITÁRIOS, A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO
CONTEMPORÂNEO EM “ESTORVO” E “LEITE DERRAMADO” DE CHICO
BUARQUE**

Porto Alegre
2012

MICHELE A. SELAU DA SILVA

**MARCAS E FRAGMENTOS IDENTITÁRIOS, A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO
CONTEMPORÂNEO EM “ESTORVO” E “LEITE DERRAMADO” DE CHICO
BUARQUE**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre
2012

S586m Silva, Michele A. Selau
Marcas e fragmentos identitários, a representação do
sujeito contemporâneo em "Estorvo" e "Leite derramado" de
Chico Buarque / Michele A. Selau da Silva. – Porto Alegre,
2012.
89 f.

Diss. (Mestrado) Programa de Pós-Graduação,
Faculdade de Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena.

1. Estorvo - Crítica e Interpretação. 2. Leite Derramado -
Crítica e Interpretação. 3. Buarque, Chico - Crítica e
Interpretação. 4. Pós-modernidade I. Barberena, Ricardo
Araújo. II. Título.

CDD 869.987

Bibliotecário Responsável: Ginamara Lima Jacques Pinto

CRB 10/1204

MICHELE A. SELAU DA SILVA

**MARCAS E FRAGMENTOS IDENTITÁRIOS, A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO
CONTEMPORÂNEO EM “ESTORVO” E “LEITE DERRAMADO” DE CHICO
BUARQUE**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 29 de junho de 2012

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena - PUCRS

Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini – PUCRS

Profa. Dra. Mara Jardim - FAPA

Dedico este trabalho a Anne Selau Lima por ter me mostrado a beleza do amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Aventurar-me pelos novos caminhos proporcionados pela academia não foi uma tarefa fácil, assim como para tantos colegas e amigos encontrados e reconhecidos nesta caminhada. Muitas ausências e sombras vieram com esta escolha. Muitos pesares e medos conviveram comigo neste período. Muitos foram os obstáculos e desafios me acompanharam. Foram tempos de extremo isolamento e reflexão para a elaboração deste estudo e por isso muitos devem ser os agradecimentos àqueles que compartilharam comigo esta empreitada.

À minha filha Anne por ter estado comigo e se gerado nas salas de aula, nas bibliotecas, nas madrugadas de leitura e escritura, nos momentos mais angustiantes e conflituosos que vivi para elaboração deste estudo. Por ter vivido as minhas ausências e ter dividido o tempo que podíamos estar juntas para que eu pudesse concluir mais este sonho. Por ter me tornado mais forte e perseverante.

Ao meu companheiro Fernando pela parceria de vida, pela mão estendida para me ajudar, pelas críticas que me ajudaram a manter o foco, pelas discussões que me ajudaram a elucidar os meus pensamentos, por estar ao meu lado compreendendo os meus momentos, pela beleza do nosso encontro;

À minha mãe que me forjou na luta cotidiana, que sempre me deu o abraço que fortalece a minha humanidade me mostrando que precisamos ser fortes, mas sem perder a ternura, e que com esforço e persistência sempre alcançamos os nossos sonhos.

Ao meu pai que cedo me apresentou aos livros contribuindo para minha formação e pelo esforço em sempre me mostrar que o que temos na vida é o conhecimento que nos proporciona, e que é o bem que nunca nos poderá ser tirado.

Aos meus irmãos por termos crescido juntos, por termos sofrido juntos e por sermos, dentro das nossas diferenças, grandes guerreiros.

À minha irmã pelas palavras de incentivo, pelas conversas, pelo carinho, por sempre estar ao meu lado em meus devaneios e minhas clarezas.

Às minhas amigas Schariza, Ana Karina, Marina, Marcela e Ilse pelo companheirismo e fortalecimento mútuo que tornaram esta etapa da minha vida mais leve e prazerosa.

Aos amigos que a vida me trouxe por terem contribuído para a formação do sujeito que sou hoje;

À Berenice, Danusa, Janete, Melissa, Marielle, Elisa, Fernanda e Andréia pelas palavras de incentivo e pelo tempo concedido para que eu pudesse concluir esta etapa da minha formação.

Às minhas professoras queridas, da graduação, Mara Jardim, Clotilde Favalli, Diana Marchi, Ana Mariza Filipouski, Sandra Carelli por proporcionarem o debate construtivo e fortalecerem a minha paixão pela arte literária.

Ao professor Ricardo Barberena pela orientação e pela compreensão do processo por mim vivido nesta caminhada, não só me vendo como uma acadêmica, mas considerando a minha humanidade, meus erros e acertos, minhas fraquezas e perseveranças.

À professora Maria Luiza dos Remédios (*in memoriam*) que mesmo não estando mais conosco deixou sua marca não só para minha vida, mas também contribuiu para a construção dessa dissertação com seus conselhos e incentivo participando do processo de qualificação deste estudo.

À PPGL da PUCRS pela sua organização e empenho em ofertar aos alunos as bolsas que auxiliam na formação de profissionais cada vez mais capacitados para atuar na área do ensino da literatura, que é tão deficiente no nosso país.

À Capes pela oportunidade de chegar ao fim deste curso que não seria possível sem a bolsa por ela ofertada para subsídio das pesquisas.

À vida por ter me permitido a realização de mais este sonho e pelo processo transformador desta travessia...

*A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou - eu não aceito.
Não agüento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.*

Manoel de Barros

*O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é
isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram
terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou
desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.*

Guimarães Rosa

RESUMO

Este texto tem a pretensão de analisar a representatividade da formação identitária do sujeito pós-moderno, e da constituição da ideia de nação nas obras *Estorvo* e *Leite Derramado* de Chico Buarque. O que permite tal análise são a identificação e o estudo dos pressupostos teóricos de Stuart Hall, Linda Hutcheon, Nestor Canclini, Gilles Deleuze e Félix Guattari que contextualizam o homem contemporâneo em sua incompletude e fragmentação, bem como, as de Benedict Anderson e Homi Bhabha que tratam da construção da representação nacional como uma comunidade imaginada. Através destas lentes teóricas será feita a análise das marcas fragmentárias que constituem a formação das identidades, particulares e culturais, dos personagens que representam o homem da modernidade tardia e como é possível visualizar a representação nacional nos textos contemporâneos *Estorvo* e *Leite Derramado* de Chico Buarque.

Palavras-chave: Chico Buarque. *Estorvo*. *Leite Derramado*. Identidade. Nação. Pós-modernidade. Fragmento.

ABSTRACT

This paper intends to analyze the representativeness of the identity formation of the postmodern subject, and how constitutes the idea of nation in the works *Estorvo e Leite Derramado* (*in free translation: Nuisance and Spilled Milk*) by Chico Buarque. What allows this analysis are the identification and study of the theoretical presuppositions of Stuart Hall, Linda Hutcheon, Néstor Canclini, Gilles Deleuze and Felix Guattari that contextualize the contemporary man in his incompleteness and fragmentation, as well as those of Benedict Anderson and Homi Bhabha which deals with the construction of national representation as an imagined community. Through these theoretical lenses that will be done the analysis of the piecemeal marks that constitute the formation of identities, individual and cultural, of the characters that represent the man of late modernity and how it is possible to view the national representation in the contemporary texts *Estorvo e Leite Derramado* by Chico Buarque.

Keywords: Chico Buarque. *Estorvo*. *Leite Derramado*. Identity. Nation. Postmodernity. Fragment.

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 | IDENTIDADES CULTURAIS E ALTERIDADE..... | 17 |
| 2.1 | A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA MODERNIDADE..... | 17 |
| 2.1.1 | A globalização e as identidades particulares e culturais..... | 28 |
| 2.2 | AS NAÇÕES IMAGINADAS..... | 33 |
| 2.2.1 | Origens da narrativa da nação americana..... | 39 |
| 2.2.2 | Outros nacionalismos..... | 45 |
| 2.2.3 | Os sujeitos nacionais..... | 48 |
| 3 | IDENTIDADE E NAÇÃO EM ESTORVO..... | 52 |
| 3.1 | OS LABIRINTOS DO EU E OS ABSURDOS DA VIDA..... | 52 |
| 3.1.1 | A identidade contemporânea, um olhar sobre o eu e o outro..... | 55 |
| 3.1.2 | O isolamento do sujeito fragmento..... | 56 |
| 3.1.3 | Da provisoriedade e da opacidade da identidade contemporânea..... | 60 |
| 3.2 | A NAÇÃO IMAGINADA EM ESTORVO..... | 62 |
| 3.2.1 | A crise da representação nacional..... | 65 |
| 4 | A IDENTIDADE E A NAÇÃO EM LEITE DERRAMADO..... | 67 |
| 4.1 | ENTRE MEMÓRIAS E DESMEMÓRIAS..... | 67 |
| 4.2 | A IDENTIDADE E A TRANSITORIEDADE DO EU(LÁLIO) EM LEITE DERRAMADO..... | 71 |
| 4.3 | O LEITE DERRAMADO E A DECADÊNCIA DA TRADIÇÃO FORMADORA DA REPRESENTAÇÃO NACIONAL..... | 74 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 81 |
| | REFERÊNCIAS..... | 85 |

INTRODUÇÃO

*Sou mais variado que uma multidão de acaso,
Sou mais diverso que o universo espontâneo,
Todas as épocas me pertencem um momento.
Todas as almas um momento tiveram seu
lugar em mim.
Álvaro de Campos*

O interesse por entender o sujeito do tempo em que vivemos é, além de um grande desafio, uma tentativa de entendermos a nós mesmos. Essa curiosidade não é uma característica do homem pós-moderno, mas um fator que desde os tempos mais remotos esteve presente no imaginário humano como se pode constatar estudando as civilizações mais antigas. Exemplo de forma de interpretação da realidade e do imaginário, a literatura, que é a arte da representação humana através da escritura, se renova a cada momento histórico, a fim de abarcar a complexidade mimética, tendo presente que ela é um reflexo de cada sociedade em sua contemporaneidade, assim como do sujeito nela representado. Assim, pode-se falar numa literatura de cunho realista, regionalista, modernista, datá-las, esmiuçá-las em sua singularidade e pluralidade. Difícil é descrever o tempo atual, já que nos falta o distanciamento, o tempo de ruminação das ideais e da percepção de ruptura e continuidade.

Entender a modernidade tardia é entender uma transitoriedade, pois a única coisa certa é que nunca poderemos ter uma noção do todo, já que tudo se altera e permanece incompleto e não temos um distanciamento temporal necessário para o fechamento de uma ideia formada e conclusiva sobre esse tempo. Somos sujeitos que transitamos por dois séculos, por dois milênios, trazemos conosco a angústia de compreendermos as diversas mudanças de paradigmas, proporcionadas pelas revoluções tecnológicas e sociais. Os efeitos desses acontecimentos, como a globalização e mesmo os avanços nos meios de comunicação, são sentidos e vividos por cada um de nós na medida em que interferem no nosso cotidiano e nas

nossas relações, afastando-nos ao mesmo tempo em que nos aproxima, isolando-nos ao mesmo em que nos agrupa. Essas sensações contraditórias promovidas pela pós-modernidade geram um conflito, ou mesmo uma crise de identidade, causando uma instabilidade e nos diluindo cada vez mais. Vivemos uma época em que predomina o pluri, o multi, o super e também o nada, o nano, o micro e esses traços incertos, essas marcas imprecisas, essas relações dicotômicas, essa grande instabilidade identificada, instiga o questionamento sobre esse período de transição, de incerteza e de um paradigma em constante transformação a que chamamos de modernidade tardia.

Aliada à curiosidade de apreender o tempo atual está a admiração pelo compositor, intérprete e escritor Chico Buarque de Hollanda, que ofertou ao público leitor, na última década do século XX, uma nova faceta do grande artista que ele é: o início de sua produção romanesca. Buarque vem se destacando no cenário musical brasileiro desde a década de 60, tendo vivenciado um período de grande repressão no país, promovido pela ditadura militar. Essa década marcada pelas revoluções culturais teve em Buarque um de seus maiores expoentes em termos de representação dos anseios de uma parcela da população brasileira, que lutava contra o modelo de poder estabelecido no país. Nesse contexto de repressão, conseguiu fazer ouvir a voz da diferença pela maestria e sutileza com que tecia suas canções. A utilização das palavras para as composições eram tão bem empregadas e minuciosamente escolhidas que conseguia que passassem despercebidas pela censura, de forma que sua denúncia era sutil, mas mordaz. Quando ficou conhecido pelos censores e teve parte de sua composição barrada, criou um pseudônimo para continuar expondo suas ideias, Julinho de Adelaide, e assim se mantendo no cenário cultural nacional. Desde então, Chico se destaca como um dos maiores compositores brasileiros, pois elevou o patamar da música popular brasileira a um ponto em que poucos alcançaram, fazendo com que os apreciadores desse gênero ficassem mais exigentes. Além disso, seu maior destaque é pela representação tão bem construída da diversidade que forma a nação brasileira.

No entanto, sua arte não se restringiu à criação e interpretação de canções – o que já seria suficiente para imortalizá-lo. Buarque é um artista polivalente da palavra, sendo assim escreveu peças teatrais e novelas que em seus tempos conseguiram dar conta de representar o momento pelo qual o país passava,

enriquecendo a arte da escritura e a cultura nacional. Tais escrituras forjaram e deram sustentação a um arcabouço literário que mais tarde contribuiu para o surgimento de Chico Buarque como romancista contemporâneo. No início da leitura, qualquer dos quatro romances buarqueanos, nos dá real noção da sua total capacidade para transpor para a literatura os reflexos do que acontece hoje e do descentramento em que vive o sujeito da modernidade tardia. A contemporaneidade de Buarque não se restringe às suas narrativas, mas a ele mesmo, dada a sua fragmentação em diversas áreas artísticas nas quais atua. Ele é múltiplo, não diremos completo, pois está em constante construção, a cada tempo se renovando, reinventando-se e enriquecendo a arte brasileira, contribuindo, assim, para o seu reconhecimento. Chico é tantos em um só homem, como anuncia a epígrafe pessoana.

Dessa curiosidade e dessa paixão surge a ideia de desenvolver uma dissertação que trate sobre as identidades particulares e culturais da modernidade tardia – período que, segundo Stuart Hall, compreende a segunda metade do século XX até hoje – e sua representação nos romances contemporâneos. Este estudo considerará as relações sociais e culturais que influenciam a construção das identidades a partir do jogo semelhança e diferença, possibilitado pela alteridade. Esse jogo está presente não só nas relações pessoais como na construção de identidades culturais que se territorializam nas “nações imaginadas”. Considerando que tanto as nações com as identidades são menos delineadas e suas fronteiras mais porosas do que há um tempo, logo abertas às constantes mudanças e contradições, verificaremos como essa fluidez interfere na construção da imagem do homem atual. Além disso, procuraremos encontrar os vestígios dessa diferença de representação identitária no romance contemporâneo, tendo em vista que em seu surgimento tinha a intenção de promover e padronizar, através do imaginário, aspectos sociais que dessem conta de aproximar as pessoas pela identificação, formando um todo uno, metonímico. Claro que ainda hoje esse gênero promove a identificação justamente por abordar e evidenciar as diferenças presentes na sociedade e dá ao sujeito um caráter híbrido e múltiplo.

Alicerçaremos este estudo na reunião de teorias filosóficas, políticas, antropológicas e literárias contemporâneas que dão conta de explicitar e até mesmo explicar o sujeito pós-moderno e quais transformações ocorreram ao longo do tempo

para que se configurasse a imagem que temos e conhecemos hoje sobre a sua identidade. Elencamos a teoria rizomática de Gilles Deleuze e Félix Guattari, pois nos possibilita a visualização da multiplicidade da qual somos formados, bem como a de Néstor Canclini, que mostra a hibridização humana. E, para entendermos a pós-modernidade, trabalharemos as teorias de Linda Hutcheon e Stuart Hall. No que tange ao estudo das nações, o apoio teórico será em Benedict Anderson e Homi Bhabha, pois é possível perceber em suas ideias uma clara marca da teoria marxista, que mostra como a economia influencia diretamente todo o sistema social e o modifica inclusive a arte literária.

O aporte ficcional, como não poderia deixar de ser, será dado pela seleção de dois romances de Chico Buarque de Hollanda: *Estorvo* (2004), o primeiro; *Leite Derramado* (2009), o último. Entendemos que as duas narrativas representam e possibilitam ver a marca estilística – pela semelhança estrutural constitutiva – desse autor que descreve tão bem a contemporaneidade. Os dois textos apresentam uma linha labiríntica e vertiginosa que mostra a constituição da identidade ou a crise de identidade como *constructo* do sujeito pós-moderno, tanto do ponto de vista particular, quanto da cultura nacional.

Embora falemos de pós-modernidade, fragmentos e vertigens, organizaremos este estudo de forma bem tradicional e linear conforme. No primeiro momento, trabalharemos as teorias elencadas a fim de criarmos um conceito acerca do recorte que faremos nas duas obras ficcionais – que será a representação das identidades particulares e nacionais no romance contemporâneo. Sendo que nos prenderemos a verificar a identidade na modernidade tardia, em que procuraremos mostrar quais alterações foram necessárias para dar origem ao homem que somos hoje. Em um segundo momento, passaremos a estudar a constituição das nações, suas origens, suas raízes, por que elas foram pensadas e com que objetivo, pois só assim poderemos perceber por que hoje elas se configuram da forma que conhecemos e que efeitos as narrativas nacionais exercem na construção das identidades.

Posterior a isso, no segundo capítulo, trataremos de analisar as narrativas ficcionais literárias eleitas – cabe dizer que escolher apenas duas das obras foi bastante difícil, porque o processo de seleção coloca na sombra as que ficaram de fora e isto é bastante incômodo, já que todas tratam do recorte a ser estudado.

Tendo sempre claro que toda análise é uma redução do texto literário, já que nos deteremos apenas a um aspecto textual, veremos, primeiramente, através dos labirintos, das idas e vindas, encontros e desencontros do protagonista de *Estorvo*, a representação da identidade, para depois verificarmos como podemos visualizar os aspectos de nação presentes na obra. O mesmo processo será feito, no terceiro capítulo, com leitura das memórias e desmemórias de Eulálio em *Leite Derramado*.

Seguindo esta linha estrutural tentaremos, por fim, salientar as marcas e a leitura da nação brasileira pós-moderna imaginada e narrada por Chico Buarque de Hollanda, que tem trabalhado esta temática ao longo de sua carreira artística, tanto em sua vasta composição musical, como nas narrativas.

2 IDENTIDADES CULTURAIS E ALTERIDADE

2.1 A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA MODERNIDADE

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.
Mario de Sá Carneiro*

Tão complexo quanto compreender o tempo em que vivemos, nominado de várias formas, como contemporaneidade, pós-modernidade, ultramodernidade ou ainda modernidade tardia, é explicar o conceito de identidade neste período transitório, em que se vive uma diversidade identitária. Isto porque as fronteiras que delimitavam o conceito de sujeito estão cada vez mais elásticas e porosas, a fim de abarcar as diferentes culturas que constituem o mundo globalizado. Entendemos que o sujeito vem sofrendo transformações constantes ao longo de seu processo de evolução, sendo assim, sua visão sobre si também se modifica, assim como a sociedade em que está inserido. A identidade de um sujeito sempre foi compreendida pela intrínseca ligação com a cultura do lugar onde vive a partir do contato com os costumes, as práticas sociais da sua localidade e com o Outro – em que pesem as diferenças existentes – caracterizando assim o seu modo de ser e agir no mundo. No entanto, é necessário entender a sociedade moderna para que se possa analisar como este processo de identificação acontece hoje. Diante de uma complexidade de entendimentos tentaremos, neste capítulo, propor uma leitura da identidade nos tempos modernos para que a partir de suas alterações tenhamos uma noção maior de como ela pode ser percebida nos dias atuais.

Para pensar a identidade devem ser considerados fatores históricos, culturais, sociais e individuais que circundam os sujeitos, tendo em vista que ela se altera na medida em que vai tendo contato com possibilidades e realidades diferentes. O que torna mais difícil este estudo é a ausência de um distanciamento temporal para se

fazer uma análise deste conceito do e no tempo em que vivemos, já que estamos inseridos e imbuídos pelo modo de vida pós-moderna e de uma identidade dita fragmentária e transitória, para os quais não há uma verdade única, mas uma gama de possibilidades. Stuart Hall (2006), no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, aborda o tema em questão fazendo um percurso histórico desde o início da era moderna até o fim do século XX, apontando eventos que contribuíram para as transformações dos conceitos de identidade ao longo do tempo. Para a formulação de seu conceito de Sujeito Pós-moderno, ele identifica a necessidade de compreensão de outros dois sujeitos que o precedem: o primeiro, chamado Sujeito do Iluminismo; o segundo, Sujeito Sociológico.

O Iluminismo sustenta a ideia de centramento no homem, na razão, no conhecimento. Sendo assim, o conceito de sujeito dessa época está baseado na teoria de Descartes conhecida como homem cartesiano, que busca uma explicação baseada na racionalidade para todas as coisas, tendo em vista a mudança do paradigma teocêntrico para o antropocêntrico. O conhecimento atribuía poder a este sujeito que se sentia único, dotado de domínio sobre si, “conhecia” a si mesmo. A moldagem da identidade particular desse homem é bem delineada como se fosse inata, logo própria e individual, construída na racionalidade. Daí vem o conceito moderno de indivíduo. O pensamento iluminista, que leva a humanidade pelos caminhos da ciência, contribuiria para o surgimento de outro evento que mudaria não só o modo de produção como também contribuirá para o fortalecimento da individualidade, que é a Revolução Industrial.

A nova concepção de vida parte da ideia de que cada sujeito é único para a grande máquina que faz o mundo girar – e se cada um fizer a sua parte todos terão êxito – perdura por alguns séculos, até começar a ser questionada, pois na prática isso não se concretiza, ao contrário, se forma um grande abismo entre a massa trabalhadora e os donos das fábricas. Os primeiros continuam a viver em condições sub-humanas, enquanto os outros concentram a riqueza. À medida que o Capitalismo ganha força aumenta a desigualdade social e o indivíduo começa a duvidar desse estilo de vida que propunha que se cada um fizesse por si teria uma vida melhor. Neste período o homem não se percebe como sujeito coletivo, mas diante das insatisfações geradas pelo modo de vida díspar, outras ideias e

discursos, que abarcam esses anseios e desconfortos, começam a ganhar força e alterar o conceito de indivíduo.

Ao passo que a sociedade moderna se transformava e mudava seu modo de produção, possibilitados pelos avanços científicos e industriais, a organização do estado igualmente se alterava, e dessa necessidade de adequação surgiu o estado-nação. Como veremos no próximo capítulo, o discurso da nação é baseado na unidade, busca a representação da identidade do indivíduo como metonímia de um todo. Além disso, deve-se considerar que aliado aos novos discursos há um sentimento de descontentamento com o modo de vida, ocasionado pela individualização, e nesse sentido o sujeito começa a ganhar uma identidade mais coletiva. O homem já não pode mais ser entendido como único, mas tem uma identidade formada pela sua interação com o social, ou seja, forma-se a partir de sua relação como o Outro. Por isso é correto afirmar que a formação da identidade está vinculada à alteridade, portanto a interação entre o público e o privado está na origem de sua constituição. Dessa forma, entende-se a identidade – desse período moderno – como social, pois é formada da interação interior/exterior, o Eu influi no meio, assim como o meio influi no Eu.

A impressão que temos é de que depois do homem tentar mudar a sua condição através do coletivo e não atingir êxito imediato, vive – uma total desrazão – uma total descrença na sociedade moderna (atribuímos essa insatisfação ao modelo econômico vigente). Esse fator leva as identidades particulares a se diluírem nos discurso unificadores nacionais. A representação na literatura utiliza a figura do *flâneur* para representar o homem que anuncia o descentramento total do sujeito cartesiano, pois ele não se adequa aos discursos e acaba sendo um estrangeiro por destoar do padrão¹.

Percebe-se na leitura de Stuart Hall e Linda Hutcheon a presença, em comum, de algumas teorias da modernidade tardia que tiveram papel decisivo para o descentramento do sujeito desse período. São elas: a marxista, a freudiana, a saussuriana, a foucaultiana e a feminista. Isso acontece porque essas teorias mudam os paradigmas do pensamento moderno, centrado no indivíduo.

¹ KRISTEVA, 1994.

A contribuição do marxismo para essa mudança de paradigma está ligada à visão de que o homem só pode ser sujeito da história quando visto como uma classe, não como indivíduo. Se no Iluminismo disseminava a ideia do triunfo individual, no Marxismo a ideia central era de que os homens só poderiam mudar o *status quo* como grupo, como classe. Isto pode ser percebido na clássica frase de Karl Marx: “Trabalhadores do mundo, uni-vos”. Nesse caso a classe trabalhadora do mundo é o sujeito – notemos aqui, também, um caráter internacionalista, que dependendo da leitura pode denotar uma ideia de identidade totalizante, pois exprime a simetria de um grupo, não de um indivíduo. Diante desse discurso, o conceito de identidade inata e singular que está na essência do homem cartesiano cai por terra e dá espaço a outra forma de entender o sujeito.

A teoria freudiana desestabiliza as bases do sujeito racional com a descoberta do inconsciente, pois para o racionalismo o que interessa é a clareza, a lucidez. E o inconsciente se opõe a esse controle que a consciência proporciona. Essa teoria conceitua a identidade como um processo psíquico baseado no simbólico, ou seja, o oposto do que busca a racionalidade, uma interpretação única sobre as coisas, enquanto o símbolo pode ser plurissignificativo. Além disso, ao possibilitar a ideia de que a identidade é formada a partir do símbolo, propõe que essa formação é externa e não interna ao sujeito, dessa forma podemos entender a identidade como produto da visão que se tem do Outro. Aquilo que era considerado como uma marca inata agora é vista de forma extrínseca e fragmentária, pois ao vermos o mundo vamos elegendendo pedaços dele que formarão um mosaico identitário que nunca se fecha, tendo em vista sua constante transformação.

No que tange ao campo linguístico, a contribuição da teoria saussuriana para o descentramento do sujeito está ligada ao significado. Saussure apoiava-se na ideia de a linguagem ser um sistema social, sendo assim, um produto cultural daqueles que falam aquela língua, cujos significados são posse do saber social. Cada palavra, além de sua significação denotativa, expressa uma série de vivências que estão imbricadas a ela e, assim, pode exprimir outros significantes que estão na memória, não só na individual como na coletiva. Sujeitos de um mesmo grupo podem entender uma palavra dita de determinada forma, pois em sua memória aquela palavra pode remeter à lembrança de algum fato vivido por eles, enquanto que para outro grupo o sentido será diverso. Assim como na teoria freudiana, a

significação da palavra está vinculada em relação ao Outro, ela existe num processo de semelhança e diferença, só sabemos o que é quente porque há o frio. A linguagem, portanto, tem um caráter mutável formado por fragmentos de significação coletiva. O significado, bem como o homem, não é um elemento estático e está em constante construção.

Michel Foucault propôs uma teoria sobre as transformações organizacionais, seu trabalho considerava sobretudo as mudanças ocorridas na transição das sociedades tradicionais para a moderna – mudanças sobre as quais nos deteremos mais adiante. O teórico constatou que, na medida em que o homem passa a considerar que corpo e alma têm a mesma importância, a punição como forma de padronizar a sociedade não é mais aceitável. Sendo assim, o indivíduo da modernidade, através das instituições de estado (escola, hospital, prisões e quartéis – organizações coletivas da modernidade) criadas para regular e moldar padrões, bem como garantir o cumprimento de direitos e deveres, passa a ser vigiado pelo que ele chama de poder disciplinar. Esse poder tem por objetivo individualizar o sujeito para que ele internalize as regras estabelecidas e reflita sobre a sua condição. Ou seja, o paradoxo percebido por Foucault é de que, embora as organizações modernas tenham caráter coletivo, elas contribuem para o isolamento humano, ao internalizar os conflitos. Foucault percebe um deslocamento da identidade já que ela, no pensamento moderno, está mais ligada a fatores externos do que a internos.

A revolução cultural que aconteceu nos anos 60 foi acompanhada pelo surgimento de diversos movimentos sociais que segmentaram não só a sociedade mas também os sujeitos. Se pensarmos que nesse período em boa parte do mundo as pessoas viviam a decadência dos regimes totalitários (os quais apelavam ao extremo nacionalismo para cometer verdadeiras atrocidades e moldavam padrões identitários em seus territórios) que tinham a repressão ao diferente como *modus operandi*, a fim de manter um sistema comportamental que favorecesse a sua manutenção, podemos imaginar os anseios das pessoas que pensavam de modo diverso em mostrar que havia outros caminhos e outras formas de pensar. Em meio a esse clima de total repressão, os movimentos que começavam a se organizar foram às ruas para criticar e desconstituir esse modelo de poder, mostrar as diferenças culturais e a multiplicidade que estava na sociedade, quando vista fora

dos padrões impostos. É nesse contexto que surge o movimento feminista. Sua importância para o descentramento da identidade não está apenas na crítica, mas também no fortalecimento da política de identidades.

Cada grupo se organizava e se organiza em torno de um aspecto social seja ele de raça, de gênero, de condição social e isso imprime a cada movimento uma prioridade que está ligada a algo que os identifica e os diferencia dos demais. Além disso, o feminismo questiona a identidade da humanidade cujo ponto de vista torna homens e mulheres iguais por serem humanos – o que não é real, tanto que é a própria sociedade que dá às mulheres um tratamento diferenciado. Sendo essa uma constatação correta, o feminismo veio para assumir essa diferença e através dessa tomada de partido, se fortalecer como grupo e reivindicar o direito das mulheres e a transformação do seu papel na sociedade. O mesmo aconteceu com os outros movimentos (como os étnicos e os de livre orientação sexual), pois assumiram as diferenças que o mundo insistia em não ver. Tudo isso deu lugar à fragmentação/segmentação, quando todos eram vistos como iguais.

Na medida em que tomamos conhecimento das teorias elencadas, percebemos como a representação da imagem identitária foi se transformando, partindo da ideia da representação do homem centrado em si e conhecedor de todas as coisas para se tornar a representação da sua relação com o mundo e com o Outro. O curioso é que o sujeito cartesiano era baseado em uma única vertente de pensamento, já o sujeito pós-moderno surgiu de vários segmentos teóricos, e essa diferença de concepção nos faz traçar um perfil de como é constituída a identidade desse homem.

David Harvey fala da modernidade como implicando não apenas “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, mas como caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”. Ernest Laclau usa o conceito de “deslocamento”. Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder”. As sociedades modernas não têm nenhum centro, nenhum princípio organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única “causa” ou “lei”. A sociedade não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si

mesma(...). Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma.²

Ou seja, uma sociedade complexa, com sujeitos igualmente complexos, tem a necessidade de várias perspectivas para a alteração do paradigma de pensamento, isto mostra quão múltiplos se tornaram os sujeitos ao longo do processo de “civilização”. Logo, inferimos que a tessitura das identidades na pós-modernidade estão baseadas nas diferenças, ou seja, na multiplicidade de costumes que permeiam os sujeitos e os tornam híbridos. É na alteridade, na visão que se constrói do Outro a partir do que se pensa, que se percebe a si. “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas o contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”.³

Se entendermos o centro como ficção – assim como são as narrativas identitárias particulares e culturais – ou seja, um discurso que busca unificar e padronizar o seu entorno, bem como dar conta de explicar a origem das tradições, perceberemos que o descentramento consegue evidenciar as contradições ocultadas por estas narrações padronizadoras. Dessa forma, o deslocamento do sujeito moderno possibilitou o reconhecimento da periferia, da cultura das margens, das trocas possíveis somente nas fronteiras, das diferenças que não têm a intenção de ser totalizadoras, mas agregadoras e interculturais. Tal deslocamento proporcionou, portanto, a hibridização das culturas.

O movimento no sentido de repensar as margens e as fronteiras é nitidamente um afastamento em relação à centralização juntamente com seus conceitos associados de origem, unidade (Said; Rajchman) e monumentalidade (Nietzsche) que atuam no sentido de vincular o conceito de centro aos conceitos de externo e universal.⁴

A hibridização é um processo antigo resultante da combinação de culturas diferentes que se transformam em novas estruturas. Um exemplo disso são as línguas oficiais que se formaram a partir de várias vertentes, não há uma língua

² HALL, 2006, p. 16.

³ MARX & ENGELS, 1979, p. 37.

⁴ HUTCHEON, 188, P. 85.

pura, assim como não há uma cultura pura, todas se formaram por heterogeneidades. Os processos que conhecemos como mestiçagem e sincretismo são segmentos do hibridismo cultural, sendo eles a união de alguns aspectos das culturas de fronteiras que alteram as práticas de diferentes comunidades. É claro que neste encontro de diferenças, além da incorporação de alguns aspectos, também há o conflito. Por isso, não se pode considerar o híbrido como uma simples fusão de culturas, mas a mediação do que é possível conviver em harmonia em sua inovação, considerando ainda as diferenças que não se fundem. No entanto, nessas culturas as diferenças persistentes pela sua impossibilidade de fusão não são vistas de forma segregadora, ao contrário dos discursos totalizantes.⁵

A hibridização pode ocorrer por processos migratórios, turísticos e hoje pelos tecnológicos através da facilidade e rapidez dos meios de comunicação que diminuem a distância entre os espaços culturais. Essas interações tornam as identidades mais flexíveis e em constante transformação. Isso influencia também as culturas nacionais que acabam se tornando mais porosas. Em que pese que cada grupo se apropria das heterogeneidades de forma diferente, ou seja, a partir da sua leitura acerca delas formam novos segmentos nas culturas locais.

O encontro das diferentes culturas é o início de um processo de transição que altera as identidades culturais que pouco a pouco vão se tornando mais híbridas, extrapolando os limites de território estabelecido pelos Estados-nações nas narrações das comunidades modernas imaginadas, assunto que ainda desenvolveremos neste estudo.

A hibridação, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade. As políticas de hibridação serviriam para trabalhar democraticamente com as divergências, para que a história não se reduza a guerras de culturas.⁶

⁵ CANCLINI, 2003, p. 19.

⁶ Idem, *Ibidem*, 2003, p. 27.

É impossível pensar em características peculiares de determinado sujeito sem considerar suas relações sociais. A identidade, portanto, é um fenômeno social, por isso não se pode dissociar o estudo da identidade particular do estudo do coletivo. A sociedade, então, é um produto do imaginário do homem. Sendo assim, podemos afirmar que sujeito e sociedade são reflexos. Do mesmo modo como esta é composta de vários segmentos que formam uma cultura, aquele é composto de vários segmentos e influências que formam sua identidade. Em consonância a essas ideias, trabalharemos com outras teorias nas quais é possível perceber a concepção do sujeito pós-moderno, como a de Gilles Deleuze. E por ser a identidade formada pelo imaginário consideraremos também a de Gilbert Durand, que aprofunda a questão da difusão da imagem, pois entendemos que possibilita algumas percepções acerca do uso dela para as criações identitárias.

A teoria deleuziana propõe a mudança da concepção de centro, que há muito norteia e explica a humanidade através da imagem da estrutura arbórea. Deleuze, em *Mil Platôs*, demonstra que o sujeito da modernidade tardia tem um aspecto rizomático, portanto, sua identidade é formada por várias vertentes com as quais se relaciona, uma vez que o rizoma – imagem trazida da biologia – nunca se fecha, e não dá vida há um único tronco, mas cada uma de suas ramificações cria uma nova fragmentação à planta. Essa teoria, também vinculada ao descentramento, aponta para a multiplicidade como a nova forma de entendimento da humanidade e da sociedade. Deleuze reafirma as teorias anteriores, pois elas têm em comum a base no externo. As identidades são formadas a partir do contato com múltiplos agentes que permeiam o sujeito, assim como as ramificações do tubérculo. Se a razão exigia um sujeito único, bem como, de todas as coisas uma única verdade, as teorias da modernidade tardia admitem e abarcam uma série de vozes e significados. “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização, segundo a qual elas mudam de natureza e se conectam a outras”⁷. A imagem do rizoma, muito bem empregada por Deleuze, é emblemática na compreensão de como se constitui a identidade descentrada da pós-modernidade, pois dá uma compreensão visual dessa formação. Apesar de haver

⁷ DELEUZE, 2007, p. 17.

quem pense que não possamos falar em identidade, mas em uma crise dela, Deleuze propõe a visão de uma multiplicidade identitária.

Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos gestuais, cognitivos: não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos(...). Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade linguística homogênea.(...) Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência.⁸

Voltando a pensar nos mecanismos para a veiculação de padrões identitários, podemos perceber a importância que teve a imagem para este fim. Durand, no texto *O Imaginário*, mostra como a imagem foi combatida por muito tempo no Ocidente pelos iconoclastas por permitir que fosse possível extrair dela uma diversidade de significações e isso estava em consonância com o pensamento racionalista, que não admitia o que não fosse claro e bem definido. Percebemos que na medida em que a imagem foi ganhando espaço na sociedade moderna e se sobressaindo às teorias teológicas e científicas, as transformações na sociedade também começaram a ocorrer. É claro que, embora a tenham combatido, é impossível pensar que em algum momento se conseguiu controlar a imaginação humana, no entanto, é plausível que a aceitação e a propagação do conteúdo imagético tenha acelerado e proporcionado alguns processos como o da construção das nações/“comunidades imaginadas” ou mesmo, na representação que temos de nós mesmos, tudo é produto do nosso imaginário. Veremos mais tarde como a seleção de símbolos tradicionais agrega e aproxima os indivíduos em torno de um ideário que proporciona o sentimento de pertencimento e unidade e constrói a imagem da nação.

Durand, além de mostrar a importância da utilização da imagem, também salienta a corrosão social e identitária, ocasionada pelo uso imagético abusivo e perverso por parte da mídia nas sociedades da modernidade tardia. Isso acontece

⁸ DELEUZE, 2007, 16.

porque esse uso indiscriminado forma espectadores passivos não críticos que só recebem a informação pronta e nada questionam. Diante dessa realidade, a imagem usada indiscriminadamente acaba por criar novos arquétipos e, assim, sombrear aspectos identitários tanto locais como singulares. Isto que ele chama de efeito perverso do vídeo será muito bem utilizado pelo fenômeno da globalização, sobre qual trataremos em seguida.

Um perigo tríplice para as gerações do “zapping”: perigoso quando a imagem sufoca o imaginário, perigoso quando nivela os valores do grupo – seja de uma nação, cantão ou tribo” – e perigoso quando os poderes constitutivos de toda a sociedade são submersos e erodidos por uma revolução civilizacional que escapa ao seu controle.⁹

Como vimos em todas as teorias elencadas, a imagem do sujeito pós-moderno é formada pelo externo, pelo [ex]cêntrico (Hutcheon) a que se pode inferir que só é possível ver as nossas singularidades a partir da negação/aceitação do que vemos no Outro, ou seja, a identidade é forjada pela diferença/semelhança entre o “eu” e o “Outro”. Isso acontece não só no âmbito individual, mas também no âmbito social, “quando o homem se defronta consigo mesmo, também está se defrontando com os outros homens”¹⁰. Cada grupo expressa a sua identidade a partir da diferença que constitui os outros grupos. O que torna complexo o entendimento da construção das identidades é percebermos que ela não se forma só das ambivalências, da percepção das diferenças entre o eu e o Outro, mas também da ambiguidade, da percepção de termos características em comum com o Outro, não somos nem isto e nem aquilo.¹¹ Somos um pouco disso e daquilo, somos muitos, como o excerto que segue:

As sociedades da modernidade tardia, (...) são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e

⁹ DURAND, 2001, p. 120.

¹⁰ MARX, 1983, p. 97.

¹¹ PESAVENTO, 1999, p. 125.

antagonismos sociais que uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos.¹²

Percebe-se que ao longo da modernidade o homem sofreu várias transformações criadas a partir de seu próprio imaginário. O descentramento do sujeito possibilitou uma leitura do indivíduo e da sociedade bastante múltipla para que sejam abarcadas todas as diferenças que formam o todo social. Vimos que o homem passa a considerar como parte de sua identidade não só o que é interno a si, mas também o que é externo. Dessa dicotomia identidade/alteridade é constituída a sociedade moderna, que por um aspecto pode gerar uma crise, com a impossibilidade de delinear-mos perfeitamente quem somos, e por outro uma instabilidade ao notarmos que não somos completos e, assim, podemos estar em constante construção. Além disso, a modernidade tardia enfrenta outro fenômeno que interfere diretamente no deslocamento das identidades culturais nacionais e particulares, a globalização. Nesse sentido, veremos mais uma vez conflito entre o público e o privado.

2.1.1 A Globalização e as identidades particulares e culturais

As identidades culturais nacionais, – entendidas aqui como criações identitárias que têm a pretensão de homogeneizar um grupo de determinado território em torno de um conjunto de símbolos que proporcionarão a sensação de pertença aos indivíduos – assunto sobre o qual trataremos posteriormente – têm sido transformadas pelo fenômeno da globalização.

A globalização é, antes de tudo, um produto do capitalismo que forma comunidades imaginadas, vinculadas por necessidades de consumo. Estas comunidades não necessariamente devem estar relacionadas pela espacialidade, pois o que as padroniza são as relações transitórias de mercado. Sendo assim, podemos ver o uso dos mesmos produtos por pessoas que vivem em diferentes partes do mundo, mostrando uma padronização. Há, entretanto, uma relação de

¹² HALL, 2006, p. 17.

poder imbricada da globalização, já que quem dita os parâmetros dessa comunidade imaginada é quem detém maior poder no mercado. Isso é pernicioso porque na verdade mantém o discurso e a distância entre o dominador e o dominado. Os países mais ricos globalizam seus padrões que são assimilados pelos periféricos, os chamados de terceiro mundo. Podemos interpretar a globalização como um fenômeno do ocidente, que mais uma vez busca impor ao resto do mundo o seu modo de vida, subjugando culturas diferentes e estabelecendo o seu modelo de “civilidade”¹³, perpetuando as desigualdades econômicas.

o que costuma se chamar globalização se apresenta com um conjunto de processos de homogeneização e, de fracionamento articulado do mundo, que reordenam as diferenças e a as desigualdades sem suprimi-las. Encontro este que começa a ser reconhecido em umas poucas narrativas artísticas e científicas.¹⁴

O globalismo só foi possível com a mudança de paradigma do conceito simbólico de tempo-lugar, que teve início na modernidade. O tempo passou a ser visto como homogêneo e vazio, a partir das práticas e mudanças de modo de produção que acabou por mecanizar o comportamento do homem, tornando a repetição diária dos seus afazeres uma prática alienante, e a passagem do tempo, então. Medida pela hora do relógio, marcada pelo trabalho. Segundo Giddens, essa é uma das grandes mudanças da modernidade, pois deslocou a ligação desses dois aspectos que estavam vinculados nas sociedades tradicionais (pelas questões religiosas, ou mesmo de produção agrícola e econômica). No entanto, a globalização mexe também com o deslocamento do conceito de espaço e lugar. O lugar de cada sujeito lhe caracterizava, lhe dava raiz e a sensação de pertencimento. O estar em determinado espaço exigia a presença da pessoa naquele lugar. Hoje, a presença não é mais necessária, se pode estar em qualquer espaço sem se sair do quarto. Com o auxílio e a facilidade proporcionada pela internet, podemos percorrer as ruas de outro país, ou mesmo conversar com alguém do outro lado do mundo, cara-a-cara, na tela do computador. O avanço tecnológico, em que pese todos os seus benefícios, acaba tornando o que é da relação privada

¹³ HALL, 2006, p.78.

¹⁴ CANCLINI, 2000, p.49.

em pública na medida em que possibilita e torna padrão expor aspectos individuais em sites de relacionamentos. Isso estabelece um novo tipo de relação interpessoal que é virtual e flutuante, posto que todos podem acessar a sua vida sem mesmo conhecê-lo. Se a revolução industrial e o capitalismo alienaram e banalizaram o tempo, a revolução tecnológica do fim do século XX fez o mesmo com as relações, ainda que tenha facilitado a vida humana.

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face-a-face. Em termos de modernidade o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.¹⁵

A facilidade ofertada pelos meios de comunicação que “aproxima” as pessoas é utilizada pela política de mercado para unificação das comunidades de consumo. Dessa forma, o consumismo estabelece padrões que alteram as paisagens das identidades locais, pois imprimem nela um modo diferente de se relacionar ou mesmo de se vestir, com isso se percebe uma nova identidade partilhada, que padroniza comportamentos para além das fronteiras territoriais e em certa medida enfraquece as culturas nacionais. Sendo assim, podemos ver nitidamente como a economia interfere nos processos culturais, enfraquecendo a autonomia das tradições locais. Não que estas marcas tenham desaparecido completamente, mas se fragmentam, se confundem com as globais, se tornando ainda mais híbridas.

As identidades, após o processo globalizador, ficaram desalojadas tanto do ponto de vista do tempo e do espaço, como também pelo conflito entre o local e o global. Como sempre houve o conflito identitário entre o local e o universal, a globalização se utiliza deste segundo conceito para massificar o padrão pretendido, se colocando na condição de universal, quando na verdade isto é impossível diante da relação de poder entre as culturas.

¹⁵ GIDDENS, 1990, p. 27.

Nenhuma cultura pode petrificar-se ou fechar-se sem desaparecer. Mas nenhuma interação pode ser positiva e satisfatória se ocorrer dentro de condições de desigualdade excessivamente acentuadas, ou sob o controle dos mais poderosos. O pluralismo cultural é incompatível com uma visão de mundo no qual alguns de considerariam como únicos detentores de uma modernidade supostamente universal¹⁶.¹⁷

No entanto, se por um lado a globalização cria uma nova cultura de consumo global, que dentro de um ponto de vista pode ser totalizante, ela também explora a cultura local como outro nicho de mercado. Para atender a diversidade, o global se une ao local para ampliar seu poder de acesso às pessoas. Não que isso leve em conta as antigas tradições, mas dá nova fisionomia à identificação local.

Até agora só vimos o que há de nocivo nos efeitos da globalização sobre as identidades locais, no entanto, é preciso que se veja se esse movimento capitalista não pode ter contribuído para o fortalecimento de culturais locais que resistem a esse processo. Algumas comunidades ao perceberem a relação de poder estabelecida pela globalização buscam uma ressignificação identitária com as culturas de origem¹⁸, como é o caso dos países orientais de cultura islâmica, ou mesmo movimentos de caráter econômico que procuram estabelecer uma independência em relação aos países mais ricos, aproximando países latino-americanos, como o Mercosul, por exemplo. Ainda que esses movimentos gerem conflitos, não se pode ignorar a resistência por eles formadas na tentativa de manter alguma autonomia frente à globalização. Podemos analisar estas tentativas como uma contra-narrativa à totalização gerada pelo consumismo global.

Uma das contradições que podemos detectar não é que o globalismo apenas abala as culturas totalizadoras e centradas nacionais, mas que busca fazer isso também de forma totalizante ao criar “comunidades imaginadas” pelo consumo, através de um discurso que propõe a pluralidade. Em que pese que meios globais facilitam a interação das culturas pelo rápido acesso a uma gama de identidades

¹⁶ Texto: A serviço do pluralismo cultural extraído do encarte Dossiê Le monde Diplomatique Brasil 02 – Línguas e identidades. Abdou Diouf é ex-presidente do Senegal e secretário da OIF - Organização Internacional da Francofonia.

¹⁷ DIOUF, Abdou, 2011.

¹⁸ HALL, 2006, p. 84.

diferentes, possibilitando o processo inovador de hibridação e o surgimento de novas estruturas identitárias.

Os processos globalizadores acentuam a interculturalidade moderna quando criam mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes. Os fluxos e as interações que ocorrem nesses processos diminuíram fronteiras e alfândegas, assim como a autonomia das tradições locais; propiciam mais formas de hibridação produtiva, comunicacional e nos estilos de consumo do que no passado.¹⁹

Vivemos uma crise de identidade, uma vez que tudo é transitório, tudo é relativo, tudo é fragmento, as relações são efêmeras e impessoais, tudo é publicizado, vida privada cada vez mais perde seu espaço e somos engolidos por uma globalização econômica e tecnológica que nos aprisiona em uma identidade virtual, inexistente. Somos um pouco de tudo e acabamos sendo um pouco de nada. Transitamos por lugares sem ir até eles, há pouco tempo seria inconcebível tal afirmação, mas hoje isso é tão comum. E esse recurso que nos aproxima, nos coloca em qualquer lugar do mundo a qualquer tempo, é o mesmo que nos isola, nos distancia das pessoas. São relações contraditórias fragmentadas, descontinuas e desconexas que permitem que nos identifiquemos, mas essa identificação é gerada de uma crise, pois nos vemos e somos muitos, impossível é delinear-nos. Complexo isso, somos compostos de várias vertentes e por sermos incompletos parece que estamos em constante busca de um único centro, ainda que seja ficcional.

Vimos ao longo deste capítulo que é muito difícil definirmos uma identidade particular sem levar em consideração o que é local, ou mesmo global, no tempo em que vivemos, pois a identidade se forma a partir do contato com o diferente, com o externo. Tentamos ver através das teorias que forjaram os conceitos que estabeleceram os paradigmas da modernidade tardia, que a alteridade, a interação social é a essência do homem deste tempo. Além disso, tentamos articular a mudança das visões acerca da imagem, a qual pode ter contribuído tanto para o

¹⁹ CANCLINI, 2003, p. 31.

processo de construção das imagens identitárias particulares, como para as globais e como essas duas estão imbricadas, tornando a primeira ainda mais fragmentada.

Trabalhamos também a ideia de que o homem e a sociedade são reflexos, portanto, a literatura como fruto do imaginário humano está ligada a esse sistema como produto de representação. Procuraremos relacionar os conceitos de identidade aqui elencados para a análise de duas obras de Chico Buarque. Buscaremos encontrar nelas, que são romances contemporâneos, as marcas do sujeito que vive essa modernidade tardia, apontando suas crises, suas multiplicidades, sua fragmentação e como se forma sua identidade a partir do que vê no Outro.

2.2 AS NAÇÕES IMAGINADAS

*E o esplendor dos mapas, caminho abstracto
para a imaginação concreta,*

*Letras e riscos irregulares abrindo para a
maravilha.*

Álvaro de Campos

A ideia de trabalhar a representação de nação na literatura é bastante desafiadora pelo fato de a escritura ser uma arte e por isso ter a intenção de ser lida e compreendida por qualquer leitor – em qualquer lugar do mundo. E porque hoje vivemos em sociedades em que, por uma série de fatores – como a diferença cultural, o avanço tecnológico, o modelo econômico, ou mesmo o social – permitem a fusão ou incorporação de elementos de culturas externos, o que torna as fronteiras das identidades nacionais menos delineadas. Diante disso, é mais difícil conceituar ou mesmo identificar as marcas de nação em romances que também já se alteraram desde o seu surgimento.

As sociedades são mutáveis, assim como os gêneros literários, e essa mudança acontece de modo sistêmico. Por ser a literatura uma arte mimética que

faz parte da estrutura social, é natural que ela também se reinvente para que tal representação possibilite a identificação do sujeito leitor com o texto, e desse encontro surjam várias possibilidades interpretativas. Como vimos no capítulo anterior, a identidade na pós-modernidade é bastante múltipla, híbrida e fragmentada, logo encontraremos este reflexo na literatura. A estrutura de um romance romântico é bem diferente de um romance pós-moderno. Se em seu nascimento o gênero era bem delineado, com cada elemento constitutivo da narrativa em seu devido lugar, atendendo assim ao anseio da sociedade iluminista, hoje os romances são abertos, fragmentados, já não tem mais uma estrutura linear. Além disso, os gêneros se misturam, se fundem e dão origem a novos tipos de narrativas, híbridas como os sujeitos e as culturas.

Em seu texto *Nação e consciência nacional*, Benedict Anderson aponta o gênero romance²⁰ como um dos veículos utilizados para a reprodução de um ideário nacional, por aproximar as pessoas pela sensação de pertencimento. Ao se reconhecerem no texto mantêm unido o corpo social, já que há um conhecimento compartilhado que possibilita a identificação do leitor com a sua realidade. O conceito de nação é bastante novo se o colocarmos diante da grande narrativa humana, tem pouco mais de dois séculos, mas para o compreendermos é importante que conheçamos o processo histórico que o antecedeu. É preciso que entendamos as transformações sociais que gradativamente foram ocorrendo para chegar neste modelo organizativo.

As comunidades tradicionais se organizavam em territórios pouco ou nada delineados, pois estavam em constante expansão e retração devido às guerras territoriais. Por conta desse movimento de expansão-retração, os déspotas dessas sociedades precisavam administrar uma grande heterogeneidade na composição dos súditos sob seu mando. Aspectos como a língua falada, os costumes, as tradições, deveriam ser considerados. Embora houvesse um dominador, um centro de poder que gerenciasse estes locais conquistados, não havia uma centralidade de costumes que desse um caráter uno aos reinos dinásticos. É claro que se tentava incluir na cultura do Outro a do centro de poder, como é a questão da língua, ou mesmo a religião, mas isso não era incorporado integralmente pelos sujeitos locais.

²⁰ ANDERSON, 1989, p. 34.

O exemplo de Anderson é o da língua latina, as pessoas assimilavam o necessário para compreender os ritos religiosos, mas para a sua comunicação usavam a língua ou dialeto local.

As comunidades clássicas estavam ligadas pelo sagrado. Embora as divisões dessas comunidades fossem dadas por dinastias diferentes, era a língua sagrada que permeava cada uma delas e estabelecia o vínculo entre as pessoas que seguissem a mesma religião, assim se fala na comunidade católica, islâmica, judaica e hindu. Não podemos deixar de lembrar que, neste período histórico, a massa de analfabetos era muito maior que a de leitores, contudo a língua era um símbolo incorporado que se dava muito mais pelo visual do que necessariamente pela leitura.

Basta tomar o exemplo do Islam: se maguidanos e berberes se encontram em Meca, embora nada conheçam da língua um do outro e não sejam capazes de se comunicar oralmente, compreendem, no entanto, os ideogramas uns dos outros, porque os textos sagrados que compartilham em árabe clássico. Nesse sentido, o árabe escrito funcionou como caracteres chineses para criar uma comunidade a partir dos signos, e não partir de sons.²¹

É importante determo-nos um pouco ao aspecto religioso, pois, segundo Anderson, está ligado a ele o embrião das sociedades modernas. Para esse teórico o advento do Iluminismo com seu ideário racional e cientificista gera a crise das religiões: o homem sai de sua zona de conforto, na qual Deus tudo explica, e passa a depender dele mesmo. Percebemos que a questão do sagrado era fundamental para essas comunidades, até mesmo a política era orientada e difundida pela ideia de que Deus era quem elegia o representante dos povos, através das dinastias. Ou seja, as comunidades dominadas se sujeitavam ao julgo de um homem (uma família) que foi indicado pelo divino. Concluimos que, embora se trabalhasse com a ideia de heterogeneidade das culturas locais, não ocorria o mesmo com a religião, pois era através dela que se buscava uma unicidade capaz de abarcar as mais diversas comunidades. Era através do imaginário religioso que se tinha o mínimo de

²¹ ANDERSON, 1989, p 21.

identificação entre elas, através dos símbolos sagrados é que se moldavam padrões de comportamento e pensamento.

Seria uma visão acanhada, porém pensar que as comunidades imaginadas das nações simplesmente tenham brotado das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos e tomado seu lugar. Por trás da decadência das comunidades, línguas e linhagens sagradas, tinha lugar uma mudança fundamental nos modos de apreender o mundo, que mais do que qualquer outra coisa, tornou possível “pensar” a nação.²²

Esse descentramento de Deus gera um vazio no imaginário coletivo. Será o primeiro evento que possibilitará e auxiliará na divulgação de novos símbolos, os quais “unificarão” as comunidades em torno de padrões de identificação e assim propulsionará a formação das nações. Outros elementos elencados por Anderson para a constituição das novas formas de organização social moderna são o surgimento da imprensa, a Reforma e a oficialização das línguas vulgares. Esses três aspectos unificados contribuíram para o surgimento consciência nacional.

Anderson chama de Capitalismo Editorial o processo de mercantilização do material impresso, possibilitado pelo surgimento da imprensa. Ele atribui grande responsabilidade no surgimento e fortalecimento das línguas vulgares ao interesse dos editores pelo lucro, o que aconteceu com as línguas foi uma consequência da exploração desse novo mercado. Se nas comunidades clássicas os sujeitos, ainda que em pequena proporção, precisavam ser bilíngues, ou seja, precisavam conhecer, além do dialeto de sua localidade, o latim (para estarem inseridos em tal comunidade e ter a sensação de pertencimento, ainda que precário, pois era necessário para a compreensão dos ritos); esse capitalismo editorial reforça uma comunidade monoglota, disseminada pelo mercado através dos jornais e impressos em geral. Sendo assim, a utilização da imprensa pelo capitalismo, massificava a informação e criava uma língua impressa.

²² ANDERSON, 1989, p. 31

O livro surge no mercado como primeiro produto industrializado produzido em série, no sentido moderno²³. No primeiro momento o mercado explorou como público a elite que compreendia o latim, porém, com a decadência dessa língua, se investiu fortemente no mercado monoglota, como já vimos antes. É importante retomar esta ideia, porque a maioria das pessoas, tanto nas comunidades clássicas como hoje, são monoglotas, e o capitalismo investiu e investe no público que pode gerar maior rentabilidade. Assim o capitalismo contribuiu para o crescimento e consolidação de línguas vulgares e cristalizou algumas línguas, visto que não investiu em todos os dialetos falados. Ao priorizar algumas línguas em detrimento de outras, se criava uma espécie de padrão escrito, dando poder às eleitas, fixando-as e assim o livro ganhava um caráter de permanência. Cabe lembrar, também, que esse foi um processo lento de comunicação e intercâmbio linguístico, as línguas levaram cerca de três séculos para terem estabilidade nas sociedades.

Talvez nada acelerasse mais essa busca, nem a tornasse mais frutífera, do que o capitalismo editorial, que tornou possível, a um número maior de pessoas, pensar sobre si mesmas, e se relacionarem com outras, de maneira profundamente renovada.²⁴

O jornal, como produto do capitalismo editorial, também possibilitou uma mudança de paradigma no pensamento. Isso ocorreu porque ele é um mecanismo de representação da sociedade, portanto algo que lida com imaginário. Ao mesmo tempo em que marcava a passagem do tempo apontada pelo calendário, também possibilitava que os sujeitos tivessem uma visão de si em simultaneidade com o mundo, já que o veículo estava enraizado em trazer eventos do cotidiano.

O movimento da Reforma, igualmente, teve grande êxito através da imprensa, pois Lutero utilizou-a para divulgar suas ideias. É importante ser dito que os textos impressos de Lutero foram traduzidos para o alemão, atingindo assim grande parte da população a que se destinavam. Além disso, o ideário protestante também servia ao capitalismo, pois, diferente da Igreja de Roma, entendia que o lucro não era pecado. Mas não eram apenas os fundamentos do catolicismo que a Reforma

²³ ANDERSON, 1989, p. 43.

²⁴ Idem, *Ibidem*, p. 45.

atacava, a noção de que qualquer homem poderia acessar Deus sem a necessidade de um intermediário estremecia também as bases dinásticas, ditas representantes do divino.

A Contra-Reforma, insistindo em manter o latim como língua representante do sagrado, mantém para poucos o poder de acessar a verdade ontológica, restringindo-o e contribuindo para gradativa morte da língua, dando espaço ao crescimento de outras línguas impressas, as quais não só os iniciados podiam acessar. A partir da divulgação de línguas, a exemplo do alemão, foi possível ao capitalismo editorial criar um grande público de novos leitores, incluindo pessoas que não tinham o menor acesso à leitura do latim, como o público feminino.

Em suma, a decadência do latim exemplifica um vasto processo em que as comunidades sagradas, integradas pelas antigas línguas sagradas, gradualmente se fragmentavam, pluralizavam e territorializavam.²⁵

A decadência das dinastias teve início do século XVII e lentamente os reinos começam a adquirir um cunho “nacional”²⁶, isso pode ser visto com a oficialização das línguas vulgares como línguas administrativas que pouco a pouco unificava o reino. O processo de apropriação das línguas vulgares não foi impositivo, elas foram se alterando, se fundindo, até se transformarem no idioma da maioria. É importante lembrar que mesmo o latim tendo sustentado as comunidades tradicionais na manutenção do sagrado, ele nunca foi universalizado, pois nunca possuiu um correspondente político²⁷, por isso caiu em desuso. Para Anderson, independentemente dos outros dois aspectos elencados para a constituição da base da consciência nacional, o aspecto da língua foi o que contribuiu decisivamente para a decadência da “comunidade sagrada imaginada”.

Como vimos, a origem de uma consciência nacional só foi possível com a mudança de paradigmas que sustentavam as comunidades clássicas. Um dos primeiros flancos que se abriram para este imaginar foi a grande confusão criada no

²⁵ ANDERSON, 1989, p. 27.

²⁶ Idem, *Ibidem*, p. 30.

²⁷ Idem, *Ibidem*, p. 50.

homem com o descentramento de Deus, ocasionada pela forte retomada do humanismo e do fortalecimento da ciência, que, além disso, também mudou os rumos da economia, tendo em vista as invenções que possibilitaram a mudança no modo de produção. A esta mudança de paradigmas está atrelada a decadência do latim e a difusão das línguas vulgares impressas, que tiveram seu processo acelerado pelo capitalismo editorial.

2.2.1 Origens da narrativa da nação americana

A América foi o primeiro continente a presenciar o surgimento de uma nação. Não podemos aqui correr o risco de querer transpor o processo que ocorria na Europa para lermos a narração das nações americanas. Se lá houve uma lenta mudança de paradigmas para originar este pensamento, aqui os mesmos aspectos provocaram efeito, mas não foram eles os fatores decisivos para estas sociedades se territorializarem em torno de um conjunto de símbolos que unificavam e aproximavam as pessoas em uma tradição imaginada.

Os povos que ocupavam as Américas no período pré-colonial foram, em boa parte, dizimados pelos europeus que vinham para cá, (estes povos foram desterritorializados de suas crenças, de seus costumes e até mesmo de sua língua). Os nativos foram subjugados e ultrajados pelos europeus na medida em que ocupavam o continente e impunham sua cultura “civilizada” aos pobres selvagens ameríndios. Esses mesmos europeus que promoveram essa barbárie cultural acabaram por sofrer o mesmo tratamento discriminatório por parte da metrópole, e talvez este seja o embrião da constituição de uma necessidade de independência e a criação da organização de uma nova forma de sociedade.

Os colonizadores que vinham viver nas Américas passaram a ser conhecidos como crioulos. Não importava se não eram nascidos no continente americano, ou se sua geração estava próxima aos recém-chegados, se estivessem próximos aos nativos da região já estavam contaminados com a “inferioridade” outorgada a eles pelos europeus. Foram os crioulos que iniciaram o processo de independência e constituição nacional nas Américas, não os nativos.

É preciso considerar o processo de crise identitária sofrida por estes homens, pois por um lado não eram vistos como europeus pelos seus compatriotas da metrópole, por outro não eram americanos, porque não eram nativos da terra e nem vistos como tal pelos habitantes daqui. Perderam-se de suas tradições e gradualmente também se desterritorializaram. Podemos dizer que eles estavam num entre-lugar identitário e talvez disso tenha surgido a necessidade de criar uma organização em que eles pudessem ter um sentimento de pertencimento.

A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora. A metáfora, como sugere a etimologia da palavra, transporta o significado de casa e de sentir-se em casa através da meia-passagens ou das estepes da Europa Central, através daquelas distâncias e diferenças culturais, que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação.²⁸

Os crioulos sofriam discriminação também quanto à ocupação de postos de poder nas colônias, pois pouquíssimos foram vice-reis na América Latina e os que voltavam à Espanha nunca ascendiam a cargos importantes. Sua condição inferior era notória. Até a Igreja proibiu-os de exercerem uma profissão sacerdotal. Isso é um paradoxo para a metrópole. Se por um lado eram essenciais para a manutenção das colônias, por outro eram uma ameaça ao poder central (a exemplo das sociedades feudais, os reis precisavam dos senhores feudais para a manutenção da economia do reino, ao mesmo tempo em que os tinham como uma ameaça) - haja vista que ao contrário dos nativos, os crioulos não podiam ser conquistados pela religião ou pelas armas, pois nesse aspecto estavam em condição de igualdade aos peninsulares. Paralelo a isso, o processo de miscigenação/hibridação que houve em todas as colônias com o nascimento de pessoas oriundas da mistura das raças, como o caso dos crioulos com os nativos, originando os euramericanos, eurasianos e eurafricanos, constituiu novos grupos “raciais” híbridos, inferiores ao olhar da Europa. Esse processo de discriminação das raças com certeza é um dos embriões do moderno racismo²⁹, pois estabelecia uma relação de poder entre pessoas pelo

²⁸ BHABHA, 2005, p. 199.

²⁹ ANDERSON, 1989, p. 70.

seu local de nascimento e pela mistura de “raças”, assim rotulava e distinguia os superiores dos inferiores, distanciando ainda mais os crioulos da metrópole e aumentando sua insatisfação.

Um motivo concreto para o movimento de independência por parte dos crioulos em relação à metrópole foram as leis que humanizavam a questão da escravidão. Lembremos que a Europa vive um período em que começa a mudar o modo de produção e, em virtude disso, o trabalho escravo vai perdendo força. Já as colônias dependiam diretamente dele, tendo em vista as transformações que vinham ocorrendo na Europa e que levariam um bom tempo para chegar ao continente americano. Além disso, os crioulos temiam um levante dos escravos negros e índios e ao invés de tentar aproximarem-se dessas camadas e trazê-las como parceiros contra a metrópole, preferiram travar o embate sem eles, para não ser necessário devolver a liberdade aos escravos. Isso ocorreu tanto na América do Norte, primeira nação a existir, quanto na América Latina. Outro fator que contribuiu para o surgimento da nação americana foi o aumento dos impostos cobrados das colônias.

Quando, em 1789, Madri expediu uma nova lei, mais humanitária, sobre escravidão, especificando pormenorizadamente os direitos e deveres dos senhores e dos escravos, “os crioulos repudiaram a intervenção estatal com base em que os escravos eram propensos ao vício e à independência e eram fundamentais para a economia. Na Venezuela – na verdade, por todo o Mar das Caraibas espanhol – os fazendeiros se opuseram à lei e promoveram sua revogação em 1794.³⁰

Mais um motivo atribuído ao processo de nacionalização na América são as ideias liberalizantes do Iluminismo. Sejam políticas ou econômicas, elas lentamente foram ganhando espaço no continente americano. Isso ocorreu pelo enorme aumento da migração. Essa relação intercontinental (das pessoas que iam e vinham da Europa) além de possibilitar a disseminação das novas ideias em voga, também irmanava esses homens, tendo em vista que tinham em comum o estar fora-do-lugar, sendo estrangeiros. Edward Said trata interessantemente sobre esse tema, até por vivenciá-la e diz sobre o estrangeiro: “estado intermediário, nem de todo

³⁰ ANDERSON, 1989, p. 59.

integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimento e distanciamentos pela metade³¹. Essa sensação de provisoriedade vivida por eles acabava unificando-os e criando as bases da unicidade necessária para a construção da consciência nacional. Estas conexões criadas com base na ausência de tradições e de identidade podem ser comparadas a dos ritos das sociedades tradicionais, em que as pessoas ligadas pela religião se identificavam. Ainda que não conseguissem se comunicar, através dos ritos conseguiam alcançar algo em comum, o sagrado. No caso das colônias, as ausências eram o que se tinha em comum, e a necessidade de criar raízes era o fator unificador necessário para o surgimento da nação.

Entendamos que, numa sociedade pré-imprensa, estas trocas ocasionadas pelas migrações foram fundamentais para a disseminação do ideário iluminista, cientificista, que possibilitava os avanços tecnológicos, como a própria imprensa, e sustentava a crítica ao regime imperial. Entretanto, mesmo a imprensa tendo chegado à América espanhola no século XVII, ela não possibilitou as transferências destas informações, já que fora dominada essencialmente pela Igreja e pelo estado por dois séculos. Já a América do Norte, que tinha influência direta do protestantismo, mesmo tendo recebido a imprensa somente no século XVIII, foi quem primeiro valeu-se do capitalismo editorial vivido na Europa. Dessa forma, a imprensa possibilitou aproximação das pessoas através dos jornais. Mais uma vez este veículo tem um papel decisivo. Se na Europa acelerou o processo de disseminação de línguas escritas e a criação de uma comunidade leitora imaginada, na América permitia aos crioulos se irmanarem cada vez mais, já que a leitura dos acontecimentos possibilitava a noção de simultaneidade do que acontecia nas colônias vizinhas e no seu local. Somente após o uso do capitalismo editorial as treze colônias se entenderam como nação. O mercado gráfico jornalístico ganhou grandes proporções, surgindo uma série de jornal local nas treze colônias. Um dos homens que estiveram à frente do nacionalismo americano foi Benjamim Franklin. Ele foi também um dos grandes jornalistas/escritores deste período e em suas publicações disseminava a ideia iluminista e a necessidade da independência das colônias.

³¹ SAID, 2005, p.57

Ao mesmo tempo, vimos que a própria concepção de jornal implica na refração de “eventos mundiais” idênticos em um determinado mundo imaginado de leitores na língua vulgar; e, também, em quão importante é, para essa comunidade imaginada, uma ideia de simultaneidade firme e sólida no tempo.³²

Tendo as treze colônias áreas de extensão territorial não muito vasta e próximas geograficamente, possibilitava, entre outras coisas, a ligação comercial (pauta que ocupava boa parte dos periódicos), a língua inglesa em comum (além da linha religiosa) e o protestantismo, se tornou mais fácil a sua unificação e posteriormente a sua independência. Os Estados Unidos ampliaram seu território após a sua nacionalização. Tal fato também justifica as guerras que enfrentarão, pois o nacionalismo vai se tornando mais elástico para abarcar as diferenças dos estados tanto sul quanto do norte e estas diferenças geraram conflitos internos. Ou seja, começamos a perceber, com isso, como essas sociedades foram imaginadas e estão ligadas a um discurso de unidade, que é possível até determinado ponto, já que ele pode ser difundido por veículos como jornais, mas na vida real e concreta encontra suas diferenças e gera conflitos. Isso ocorre porque cada colônia foi formada por pessoas vindas de lugares diferentes, portanto aproximava as diferentes culturas, e mesmo considerando o que se tinha em comum, nenhuma estava disposta a mudar totalmente seus costumes, modo de pensar e agir.

O mesmo não aconteceu na hispano-américa, que mais tarde, quando percebem o êxito do capitalismo editorial e dele se utilizam, não unificam as colônias, a isso Anderson justifica pela grande extensão dos territórios e o isolamento de suas partes que distancia as pessoas, embora falem a mesma língua. Elas leem o jornal, notam similaridade, mas não se sentem partícipes dos acontecimentos, não notam a simultaneidade nos fatos em comum e assim fragmentam a ideia de uma grande nação. O fato de estarem atrasados no processo de avanço tecnológico e capitalista em relação à metrópole é uma das explicações para esta fragmentação, pois o tempo de nascimento de cada nacionalismo o torna diferente dos que surgiram antes. Mesmo que as motivações das outras nações

³² ANDERSON, 1989, p. 74.

americanas tenham sido as mesmas, o tempo e o mundo de seu surgimento o torna diferente. Quando se entende o conjunto de acontecimentos simultâneos como eventos à parte da sua vivência, fragmentados, é impossível encontrar unicidade fundamental para as novas comunidades imaginadas.

A retomada na narração das origens das nações é importante, pois ao relembrarmos os eventos que ocorreram podemos construir uma visão crítica da história. Se atualmente não falamos mais em história, mas em histórias, é porque se pressupõe haver um fator subjetivo na sua constituição, sendo assim, a história que aprendemos na escola não pode ser entendida como verdade, mas como um ponto de vista dos acontecimentos. E é nesse ponto que precisamos nos dedicar um pouco. A história eleita pelas instituições de ensino não é ensinada à toa, ela é uma escolha política e cultural, pois é a partir dela que se moldará o pensamento que interessa ao tipo de sociedade que se quer. E da mesma forma surgem as comunidades imaginadas. Para a unificação das nações, foi utilizado esse método de disseminação de uma cultura unificadora. Ao narrar uma história, se prioriza o que é importante que seja lembrado e que se mantenha no imaginário simbólico das pessoas como monumento, assim como se escolhe o que deve ser esquecido, e esse evento permanecerá na sombra, nas dobras. Isso é escolha política, tanto de quem a produz como de quem a seleciona. Vimos, ao longo deste texto, as origens da consciência nacional a construção da nação na América, e também como os veículos de comunicação foram utilizados para estabelecer um padrão e criar uma unicidade através de um conjunto de símbolos com os quais as pessoas se identificavam.

Isso nos leva a refletir se esses padrões são assimilados integralmente, unificando e homogeneizando uma sociedade, ou se é somente o discurso o que algumas pessoas assimilam. É patente que na prática a homogeneidade não é totalmente alcançada e nem concretizada plenamente em face das diferenças locais. Parece que se cria muito mais um vínculo imaginado entre pessoas que dividem um mesmo espaço territorial do que propriamente real. Um sujeito que vive em uma sociedade não precisa conhecer os seus compatriotas para imaginar que aquilo vivido por ele também acontece com o outro simultaneamente, pois estão ligados tanto ideologicamente como territorialmente. No entanto, antes de fixarmos o

conceito de nação a ser utilizado nessa análise, é necessário verificar como ocorreu o surgimento das nações na Europa e nos outros continentes.

2.2.2 Outros nacionalismos

O Humanismo teve o seu grande momento na constituição da modernidade, e isso só foi possível por meio do descentramento de Deus e da centralidade do homem, ocasionados pelas novas ideias científicas e sociais do Iluminismo. Os humanistas retomaram os clássicos da antiguidade, por isso este movimento está ligado ao Renascimento, que buscava no passado as bases culturais europeias escanteadas no medievo que estava centrado em Deus como explicação de tudo. Assim, a modernidade se construiu a partir da comparação com a história antiga.

Estes padrões de pensamento foram sustentados pela burguesia, nova classe em ascensão na Europa. Se até então quem ditava os padrões era a nobreza, a decadência desse regime abre espaço para que a burguesia cresça e se fortaleça cultural, política e economicamente. A burguesia está diretamente ligada à mudança do modo de produção, e, ao contrário da nobreza, buscou instruir-se. Havia poucos burgueses analfabetos, e assim eles compunham as comunidades leitoras das línguas impressas.

Se a expansão das classes médias burocráticas foi um fenômeno relativamente uniforme, ocorrendo em taxas comparáveis tanto nos Estados adiantados quanto atrasados da Europa, a ascensão das burguesias comercial e industrial foi, claro, extremamente irregular – maciça e rápida em alguns lugares, lenta e interrompida em outros. Mas não importa onde tenha ocorrido, essa “ascensão” deve ser compreendida em suas relações com o capitalismo editorial em língua vulgar.

As classes dirigentes pré-burguesas geraram sua própria coesão em certo sentido independentemente da língua, ou, pelo menos, da língua impressa.³³

³³ ANDERSON, 1989, p. 74.

Como já vimos, a imprensa foi o primeiro mercado explorado neste novo sistema na Europa e o capitalismo editorial foi fundamental para a disseminação da língua impressa. Essa disseminação foi muito importante nestes continentes, porque a construção da consciência nacional estava diretamente ligada à língua, que dava um caráter ideológico e político na formação de uma identidade unificadora, ao contrário do que ocorreu na América, em que a questão linguística não foi tema de unidade. Considerando as línguas e as “descobertas” de novas civilizações no século XVI, os estudos filológicos ganharam grande importância no século XVIII, pois estudavam a comparação e a classificação das línguas, as quais agora tinham todas o mesmo *status* de poder aos seus leitores. Estes estudos também moldavam o nacionalismo, pois mexiam com o imaginário por meio da exaltação das tradições das línguas. Na medida em que elas se perpetuavam, iam marginalizando os dialetos que ficaram de fora desse processo.

No caso dos estudos das línguas, a disseminação ideológica da constituição da moldagem do nacionalismo se deu pelas instituições de estado, as quais formavam os cidadãos, a escola e a universidade, segundo afirma Hobsbawm. Se o nacionalismo era uma construção de uma comunidade imaginada, nada melhor do que utilizar estes aparatos para a divulgação e formação de novos padrões comportamentais, em que pese estes símbolos retomarem uma antiga tradição.

as novas comunidades imaginadas invocadas pela lexicografia e pelo capitalismo editorial sempre se consideravam algo de antigo. Numa época em que a própria “história” ainda era geralmente concebida em termos de “grandes eventos” e de “grandes líderes”, como pérolas enfiadas ao longo de um fio de narrativa, era evidente traduzir o passado da comunidade em antigas dinastias.³⁴

A expansão das classes médias contribuiu para o crescimento da alfabetização e outras organizações de estado, possibilitando uma interlocução mais abrangente do discurso nacional, englobando as pessoas que tinham acesso às leituras, e aderiam ao discurso pretendido, pois tinham orgulho de ver a língua que falavam impressa. Além disso, esses discursos mostravam as experiências da

³⁴ ANDERSON, 1989, p. 123.

França e da América como modelos a serem seguidos, e eles foram entrando no imaginário coletivo, os impulsionando a também buscar a sua unificação.

A Europa, a Ásia e a África, então, utilizavam os conceitos já existentes para a construção da ideia metonímica de todos como um. Devemos considerar, no entanto, que mesmo seguindo um conceito preexistente, o tempo em que cada nacionalismo se desenvolveu pressupunha uma adequação dos modelos. Se pensarmos nas comunidades imaginadas surgidas no século XX, perceberemos que as bases que as sustentavam podiam ser divulgadas muito mais facilmente pela evolução tecnológica, a qual teve, com o surgimento da televisão e do rádio, uma maior penetrabilidade na sociedade. Estes veículos têm muito mais abrangência, visto que não se precisa nem ser alfabetizado para conhecer o seu discurso. Nesse contexto, a uniformidade linguística perde força na construção das nações e não pode mais ser vista como base na constituição da identidade cultural. Tanto isso é verdade que existem diversas nações as quais possuem a mesma língua como oficial, como é o caso do espanhol ou do inglês.

Desses modelos crioulos e do nacionalismo de natureza local, foi se constituindo a transição gradativa de estados colônias para estados nacionais. Até bem pouco tempo, se pensarmos o tempo no seu sentido histórico e não no sentido da marcação do relógio, algumas comunidades ainda viviam na condição colonial, como é o caso de alguns estados africanos, que há poucos anos conseguiram conquistar a sua independência.

Esses modelos, por sua vez, contribuíram para dar forma a mil sonhos iniciados. Em combinações diversas, as lições do crioulo e do nacionalismo de natureza local e do nacionalismo oficial eram copiadas, adaptadas e aperfeiçoadas.³⁵

Isso tudo pode nos soar um pouco estranho, porque o conceito imaginado de nação que se propõem a ser o novo está galgado no antigo. As nações, embora sejam jovens, se constituíram no imaginário com orgulho de uma antiga tradição, não só as linguísticas, pois a retomada dos clássicos não se deu na retomada deste

³⁵ ANDERSON, 1989, p. 123.

aspecto, mas de exaltar as construções filosóficas, científicas, culturais ligadas às criações humanas e os seus feitos memoráveis. Essa tentativa de tornarem unas as diferenças culturais por meio de símbolos passados de enaltecimento possibilitou a modificação das organizações das comunidades, ainda que artificialmente.

2.2.3 Os sujeitos nacionais

Pensar uma nação não pode restringir-se a pensar o seu discurso unificante. Vimos ao longo da retomada histórica das origens da construção de sentimento nacional que isso é possível, mas não real. As diferenças culturais persistem e não podem ser ignoradas. Se isso não fosse verdade, os EUA não teriam vivido guerras civis após a sua nacionalização, isso só aconteceu porque as diferenças foram escondidas e ignoradas. Não se considerou, na construção dos discursos, a mescla destas diferenças culturais que as tornam em culturas híbridas e não unas, e não se considerou os sujeitos que faziam parte das sociedades.

Notemos que há uma relação de poder na constituição das nações, há um dominador que dita os padrões e elege os símbolos, o que deve ser lembrado e esquecido; e, por outro lado, há o dominado, que se apropria de todo este aparato e acaba perdendo a sua identidade ao assimilar a identidade da massa, todos como um. Esta é a ambivalência apontada por Bhabha na construção da narrativa das nações. Nesse caso, só é possível manter uma identidade se não mergulhar nestes discursos e se tornar um estrangeiro no seu território. É importante que percebamos que o discurso ideológico só acontece em relação ao Outro, mantendo o exemplo que utilizamos o do dominado e o do dominador. Os significados estão ligados ao sistema de referência e à diferença em relação a um discurso já existente. Portanto, a questão da linguagem, não só a da língua, deve ser considerada ao se pensar nação.

Vimos ao longo deste estudo que a unificação das línguas foi de extrema importância para a unificação de sociedades e na tentativa de formar uma identidade artificial para elas; no entanto, o que veremos agora é como a linguagem dos discursos teve um papel importante na tentativa de ressignificação e eliminação dos conflitos gerados pelas diferenças culturais. Podemos dizer, então, que estes

discursos só foram possíveis em contraponto à alteridade, ao olhar do diferente. Deste modo, entendemos o processo de identificação não como afirmação de uma identidade preexistente; pelo contrário, trata-se sempre da produção de uma imagem identitária que procura transformar o sujeito, fazendo com que ele assuma essa imagem, e, quando ela é massificada, não identifica pela individualidade, mas torna todos iguais.

É dentro deste contexto das diferenças que vamos ver como o povo se insere na constituição artificial das nações na modernidade.

O conceito de povo não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social: sua alegação de ser representativo provoca uma crise dentro do processo de significação e interpelação discursiva.³⁶

A afirmação de Bhabha mostra que o povo deve ser analisado de duas formas, do ponto de vista nacional, o que assimila pedagogicamente os discursos simbolicamente baseados no passado, como já vimos neste estudo, mas também como sujeito que é desconsiderado nos discursos nacionalistas, na medida em que procura tratar todos como um. Quando falamos em sujeito, pressupomos individualidade, características próprias que o diferenciam dos demais e isso fica difícil de perceber quando a cultura nacional produz um discurso que “elimina” as diferenças e os vê como coletivo.

Bhabha apresenta dois conceitos para explicar a tessitura dos discursos nacionais: o pedagógico e o performativo. O pedagógico é o discurso unificador, metonímico, narrado no tempo homogêneo e vazio da modernidade, e que compõe a “história” oficial, não permitindo que se ouça a voz das minorias, isto é, um discurso que se impõem verticalmente para descrever uma sociedade em um determinado espaço horizontal e é disseminado por meio das instituições de estado. Já o discurso performático está vinculado ao espaço da diferença cultural. Podemos identificá-lo como a contranarrativa presente na literatura, no teatro, no cinema, ou seja, nas artes em geral. Este conceito resulta dos elementos descartados pelo

³⁶ BHABHA, 2005, p. 206.

discurso pedagógico, do que fica na sombra, “a contranarrativa da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas”.³⁷

Temos, mais uma vez aqui, a representação da ambivalência dos discursos. Se, por um lado, existe o discurso oficial; em contraposição, há o discurso das minorias que o margeiam. É da cisão destes discursos que surge a narrativa das nações proposta por Bhabha. Uma narração tecida, baseada em conflitos e tendo como cerne o Outro:

O povo não é o princípio nem o fim da narrativa nacional; ele representa o tênue limite entre os poderes totalizadores do social como comunidade homogênea, consensual, e as forças que significam a interpelação mais específico a interesse e identidades contenciosos, desiguais, no interior de população.³⁸

Diante desses conceitos, não podemos conceber uma visão de nação como uma, pois detectamos que há uma cisão do sujeito nacional, haja vista a sua heterogeneidade diante do discurso homogeneizante. Logo, a tentativa de tornar a territorialidade em tradição se torna inviável, pois não é real acreditar que este discurso é assimilado por todos os sujeitos, mesmo que tenha a intenção de ser totalizante.

Esse pluralismo do signo nacional, em que a diferença retorna como o mesmo, é contestado pela “perda de identidade” do significante que inscreve a narrativa do povo na escrita ambivalente, “dupla”, do performativo e do pedagógico.³⁹

O discurso da diferença surge do limiar da narrativa da nação como uma resistência aos discursos totalizantes e cria outros espaços de significação, que não os oficiais. Assim, percebemos como os processos das constituições identitárias das minorias não se fecham, não se completam como a identidade pós-moderna, pois estão em constante conflito com o discurso oficial.

³⁷ BHABHA, 2005, p. 211.

³⁸ Idem, ibidem, p. 207.

³⁹ Idem, ibidem, p. 217.

Retomando outra ideia sugerida no início deste texto, as minorias, por terem como discurso as diferenças culturais, acabam assumindo um caráter de estrangeiridade, pela oposição às significações coletivas. Sendo assim, enquanto resistem à homogeneização, não são parte, mas destoam da comunidade imaginada, e assim não criam um sentimento de pertencimento que liga as pessoas aos lugares de origem e fundam tradições.

Perseguimos, ao longo deste capítulo, os embriões e pressupostos que deram origem a uma consciência nacional, bem como tentamos verificar os diferentes nacionalismos que foram criados e serviram de modelos a tantos outros surgidos ao longo dos séculos. Percebemos que a sociedade moderna imaginada, a partir de discursos territorializadores, busca no passado as suas tradições por meio de símbolos que mexeram com o imaginário coletivo dos sujeitos das localidades para os quais tais discursos foram destinados. É por meio da retomada destas narrativas que conseguimos ver claramente que tais discursos, embora tivessem a intenção de ser totalizantes, na realidade não atingiram plenamente este intento, isto porque não levaram em consideração as diferenças culturais dos sujeitos a quem tentavam alcançar.

Entendemos o discurso de nação como uma narração semelhante às narrativas ficcionais, e, nesse ponto de vista, tentaremos ver como, e em que medida, há uma aproximação entre as duas. Também nos deteremos a analisar os personagens como produto da multiplicidade cultural. Não buscaremos enquadrar a narrativa ficcional dentro de um padrão discursivo uno, totalizador, redutor da cultura local. Procuraremos verificar como as multiplicidades podem gerar culturas híbridas e contribuir para formação do discurso de nação. É nessa multiplicidade cultural que ocupa o território nacional que nos deteremos na análise dos romances de Chico Buarque.

3 IDENTIDADE E NAÇÃO EM *ESTORVO*

3.1 OS LABIRINTOS DO EU E OS ABSURDOS DA VIDA

*Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros
me fizeram,
Ou metade desse intervalo, porque também há
vida...
Sou isso, enfim...
Álvaro de Campos*

Para um leitor mais conservador, *Estorvo* pode causar um estranhamento dada a sua narrativa vertiginosa e labiríntica de idas e vindas, não só pelo plano real, como também pelo imaginário. Pode-se comparar esta leitura à observação de uma tela de Picasso, em que podemos visualizar os fragmentos que compõem a imagem representando um mundo caótico, pois da mesma forma é feita à tessitura da obra que tem a sua trama composta como um mosaico, em que as peças – personagens, espaços e outros elementos narrativos – vão se encaixando para formar um todo híbrido e múltiplo.

A história inicia em um momento de fronteira entre o dormir e o acordar do narrador-protagonista, deixando a incerteza do que é real e do que é sonho. O primeiro acontecimento que dá lugar a imaginação do protagonista é um toque de campainha que o desperta. Ao olhar pelo olho mágico, vê um mundo reflexivo e passa-se a conhecer o personagem a partir visão que tem acerca do Outro. Ao observar o Outro, ao lado de fora de sua porta, começa a criar uma série de hipóteses, dando início a um processo de andanças e fugas, com base, apenas, no que ele imagina ser. Claro que a questão do ponto de vista único sempre acontece em textos narrados em primeira pessoa; no entanto, em *Estorvo*, isto é muito acentuado, tendo em vista a neurose do narrador que se sente perseguido todo o tempo.

Esta fuga frenética possibilita que se conheça como o protagonista se relaciona com o mundo e com o Outro. A sua primeira interação é com a irmã, com quem tem um relacionamento distante. O protagonista, aparentemente, é um homem de classe média-alta que não tem um trabalho que o sustente, por isso vive da ajuda da irmã. Talvez seja um artista, mas nunca fica claro a qual arte se dedica. Tem uma relação estranha com a mãe, que vive um silêncio absoluto, tudo o que conhecemos dela, assim como das demais personagens é a imaginação dele sobre o que os outros fazem, como se comportam, como pensam. Outra interação vivida por ele é com o caseiro do antigo sítio da família, que foi ocupado por um grupo de pessoas que utilizam o espaço para uma plantação de maconha. O terceiro contato estabelecido é com a ex-mulher, com quem viveu por quatro anos e de quem permitiu se separar, pois preferia pensar nela a viver com ela. Entre outros contatos estabelecidos por ele estão o cunhado, os traficantes, a polícia, a amiga da irmã e um amigo antigo. Entretanto, ninguém tem nome, ninguém é individualizado, são todos sujeitos diferenciados pelas suas características, que se confundem com as do narrador ao ultrapassar e permear a linha que distingue um e Outro.

Outro elemento importante de ser destacado é o espaço. A obra é circular, o personagem vai e volta diversas vezes ao mesmo lugar, por isso no início deste texto se afirmou que *Estorvo* tem uma estrutura labiríntica. O personagem transita por diversos lugares e parece estabelecer muito mais relações afetivas com os espaços do que com as pessoas. Além disso, o espaço diz muito sobre os personagens, pois é por meio da descrição que faz dos elementos que compõem o lugar que podemos ter uma noção dos sujeitos narrados. Entre estes espaços estão o apartamento do protagonista, ponto de partida da narrativa, a casa da irmã, o sítio da família e o apartamento onde viveu com a ex-mulher.

A casa da irmã é toda de vidro, e a esta estrutura podemos inferir que permite a visão do todo, a penetrabilidade do olhar, a invasão do espaço sem mesmo entrar nele. O narrador conta que, quando a casa foi construída, não havia cortinas que cobrissem os vidros, permitindo a contemplação da paisagem marítima, a natureza. Posteriormente, foram colocadas cortinas coloridas, parecendo um quadro abstrato. Ou seja, o que no princípio era bem delimitado, bem definido de se ver e identificar, foi ficando cada vez mais complexo e indefinido. Paralelo possível pode ser

estabelecido com a transformação ocorrida do sujeito cartesiano ao sujeito pós-moderno, descrito por Hall.

O sítio da família o remete à infância e está, no tempo da narrativa, em total fragmentação. A cancela aberta deu espaço para a entrada do Outro que modificou a paisagem de sua meninice, como se o local fosse ele mesmo que, ao crescer, abriu as suas fronteiras para o externo e foi se ressignificando e estilhaçando. Ao abrir a sua cancela, descentra o seu padrão ideal e começa a ser margeado pela diversidade, dando espaço ao real e caótico como o mundo pós-moderno. E este processo não ocorreu só com o protagonista, vimos que a mudança se deu também para outros personagens que ocupavam o sítio, como o próprio caseiro e as crianças que não tiveram a oportunidade de contemplar essa localidade com o mesmo encantamento que o narrador. Isto denota a mudança paradigmática que vive o mundo pós-moderno, que, por abarcar a diversidade, vai perdendo muito do que já foi facilmente definido.

Outro espaço importante para conhecermos a personagem principal é o apartamento onde vive a ex-mulher. O apartamento é o mesmo em que eles viveram juntos e se pode notar que ali é o único lugar em que ele se sente minimamente confortável, parece que todos os elementos que compõem este espaço servem e se adequam a este sujeito tão intrigante que parece estar sempre fora do lugar, como um estrangeiro.

O narrador percorrerá o seu labirinto particular, vivenciando coisas absurdas que não questionará e aceitará passivamente os acontecimentos sem a mínima postura crítica. Lembrando, em certa medida, romances que desenvolvem o tema do fantástico ou do mágico, em que o que causa estranhamento é o comum, já que a ordem do dia é o absurdo, o caos. A degenerescência vai tomando cada vez mais o narrador, que roubará as jóias da irmã e venderá aos traficantes que o pagarão com uma mala cheia de maconha, o que lhe deflagrará um total desconforto – como é a sua vida –, já que terá que percorrer quilômetros com ela, tanto no interior como na cidade. Mas o ponto mais absurdo é no desfecho, em que terá a sua primeira necessidade afetiva e, ao tentar abraçar um desconhecido, será esfaqueado. No entanto, o que é intrigante desta cena não é o fato da violência gratuita, pois a narrativa foi criando o clima para isso, mas o fato de ele só se preocupar em

continuar em seu labirinto e pensar em quem poderá lhe conseguir algum dinheiro para que continue a sua vida no plano das ideias. Isto acontece porque uma das principais características deste personagem é a vida imaginada, ele prefere pensar no que pode ser, do que procurar saber o que acontece na realidade.

3.1.1 A identidade contemporânea, um olhar sobre o Eu e o Outro

O breve resumo exposto anteriormente possibilitou uma noção da estrutura da narrativa, que, por sua vez, mostra um pouco do caos do mundo contemporâneo. Agora trataremos de analisar a constituição identitária do protagonista-narrador, no sentido de mostrá-lo como modelo representativo da identidade pós-moderna. A partir do seu olhar em relação aos outros personagens, perceberemos o jogo de semelhança e diferença anunciado anteriormente, conceito que estabelecemos para a compreensão das identidades que são múltiplas e híbridas.

A primeira impressão relacionada ao tema se dá nas primeiras linhas do texto. A visão pelo olho mágico tem um caráter especular, quando ele projeta o Outro, está projetando a si mesmo e o que ele vê é um sujeito indefinido, côncavo e imóvel. Por mais que se esforce, não reconhece aquele homem. Ao carregar o Outro com a sua subjetividade, o protagonista não só está matando a identidade alheia – pois a desconsidera –, como também mostra um pouco de quem realmente é, uma vez que permite ao leitor conhecer como ele imagina o mundo. Ao imaginar que o desconhecido o está vendo pelo lado oposto ao olho mágico, pensa no que ele estaria pensando e começa a fazer o que acha que ele estaria fazendo, desenvolvendo, assim, uma ação reversa, que dá início a uma fuga neurótica. Além disso, o fato de ele estar na fronteira entre o sonho e a realidade dá à cena um aspecto ainda mais opaco, tornando a imagem identitária, dele e do outro, mais diluída.

Estas características que o protagonista vê no Outro estão em perfeita consonância com o que as teorias dizem sobre a identidade contemporânea, de que são compostas de fragmentos, sendo impossível defini-las; estão sempre à espera que sejam decifradas, como um enigma. Esta ideia fica elucidada no trecho a seguir:

Agora me parece claro que ele está me vendo o tempo todo. Através do olho mágico ao contrário, me vê como se eu fosse um homem côncavo. Assim ele me viu chegar, grudar o olho no buraco e tentar decifrá-lo, me viu fugir em câmera lenta, os movimentos largos, me viu voltar com a fisionomia contraída e ver que ele me vê e me conhece melhor do que eu.⁴⁰

A indefinição e a ausência de um autoconhecimento que o bem delineie instaura uma crise no sujeito; logo, o personagem reflete esta crise, pois se ele vê o Outro e não o reconhece, e acredita que o Outro o conhece melhor do que ele mesmo, é plausível inferir que o que há em comum entre os dois é a tentativa de compreensão do Outro como reflexo da vontade de entender a si mesmo. Ou seja, o não se reconhecer no Outro é como continuar como um sujeito indefinido.

O primeiro capítulo, ao mesmo tempo em que expõe uma visão especular, também explicita o isolamento que vive o narrador. Esta impressão de que este sujeito está voltado para si, para o isolamento, vivendo muito mais no plano da imaginação do que no real, está na ideia de homem côncavo, adjetivo que atribui a si mesmo. Embora ele atribua essa ideia acerca do Outro, é ele que pensa assim, e esta imagem será fortificada ao longo da narrativa, que mostrará este homem voltado para si através das relações impessoais que estabelece com os Outros.

3.1.2 O isolamento do sujeito fragmento

A fuga iniciada a partir da visita inesperada do desconhecido mostra um pouco da imobilidade do personagem principal. Ele está preso a um círculo de relações superficiais, tanto com a família quanto com os amigos, que o incentivam, mesmo que indiretamente, a se manter em um marasmo, em um mundo a parte, muito mais ligado à imaginação do que à realidade. Se pensarmos que a relação com a irmã é muito impessoal, tendo em vista que eles mal se falam, perceberemos

⁴⁰ BUARQUE, 2004, p. 8 e 9.

que ela está muito mais voltada para o interesse financeiro do que por afinidades. Partindo deste ponto de vista, inferimos que esta “ajuda financeira” que o personagem recebe o insere em um mundo de imobilidade, uma vez que não se adequa à realidade – que também não deixa de ser alienante. No entanto, a sua imobilidade parece mais ligada ao seu não pertencimento, ao seu alheamento à sociedade do que à necessidade de consumo. A sua falta de adequação o torna um estrangeiro, um estranho ao mundo contemporâneo, e justamente por não se adaptar e ao mesmo tempo não poder mudar o estado de coisas é que se torna imóvel.

Não é bem um rosto, é mais uma identidade de um rosto, que difere do rosto verdadeiro quanto mais você conhece pessoa. Aquela imobilidade é o seu melhor disfarce, para mim.⁴¹

Do ponto de vista do narrador, a irmã parece estar tão isolada e imóvel quanto ele. Entretanto, há uma larga diferença entre os isolamentos destes personagens. Vimos que o isolamento e a imobilidade dele estão ligados a uma não adaptação ao mundo atual, já a dela está em consonância com o mundo global de consumo. Esta alienação acontece porque na contemporaneidade vivemos um tempo alucinante, “vazio e homogêneo” no qual fazemos sempre as mesmas coisas, que, por sua vez, são ditadas pelo modo de produção imposto pelo mercado, tornando-nos escravos de um sistema alienante, que também nos torna imóveis. Vivemos tão intensamente os ditames do mercado de consumo que acabamos nos voltando para a busca de capital que possibilita o ter, e nada pode ser mais alienante do que isso. A irmã, que parece pertencer a uma classe abastada da sociedade, tendo em vista a descrição de sua casa e modo de vida, parece não ter relações mais profundas com os outros (irmão, filha, marido, mãe, empregados), é muito mais um mundo de aparência, um mundo de imagens.

⁴¹ BUARQUE, 2004, p. 8.

Ela me acena com as sobrancelhas e volta a abaixar a cabeça. Os cabelos cobrindo-lhe o rosto, entretida com umas fotos que folheia e organiza em pequenas pilhas. Prepararam meu lugar de frente para ela, um pouco distante, e nas fotos que ela me passa sem me olhar não há pessoas, somente parques, ruas, alguma neve, paisagens repetidas que despacho em meio minuto. Devem ser fotos do início da viagem, quando ela estava sozinha e emocionalmente abalada.⁴²

O fragmento *supra* da visão do narrador sobre a irmã mostra um pouco do que acabamos de afirmar sobre a personagem. Se defendemos, desde o início deste estudo, a ideia de que o sujeito é formado por diversos fragmentos, que vão lhe dando um caráter múltiplo e híbrido, a partir de sua interação com o meio, não podemos nos furtar de perceber na visão que tem do isolamento da irmã como o seu próprio isolamento. Tudo isso nos leva a refletir sobre a condição humana na pós-modernidade, pois há uma contradição nítida no que vivemos e o que sentimos, na medida em que somos imobilizados por um sistema de consumo que padroniza e isola, ao mesmo tempo em que temos identidade móvel, instável e incompleta pela nossa relação com o externo, com o outro. Tendo em vista que qualquer um dos lados está ligado ao externo, intuímos que esta dualidade pode contribuir para o alheamento representado no narrador-personagem de *Estorvo*.

Outra relação do protagonista que denota a sua necessidade de isolamento é com a ex-mulher. Ele lembra o início do seu relacionamento com ela e como se isolaram do resto do mundo. Ele já não atendia mais os amigos e não conseguia se manter em um trabalho fixo, ou seja, vivia somente com e para aquela mulher. Passado o tempo, ela rompe este isolamento dos outros vivido com ele, começando trabalhar. Esse fato faz com que ele comece a viver a relação com ela só no plano da imaginação, ele gostava mais de pensar nela do que estar com ela. Quando se separaram, sentiu mais falta do apartamento em que viviam, ambiente com o qual estava habituado, e tinha a sensação de pertencimento do que propriamente da mulher. Isto porque podia manter o relacionamento no plano do pensamento, como já fazia.

A visão que sintetiza a respeito da mulher é de “coração instável”, isso porque ela dizia que o amava mais que tudo, entretanto propôs a separação. Ora,

⁴² BUARQUE, 2004, p. 14.

sentimentos são instáveis, assim como os sujeitos, e desse ponto de vista temos mais uma característica contemporânea do protagonista. Subentende-se que os sentimentos dela mudaram porque mudaram as atitudes dele em relação a ela. O momento crucial é o do anúncio da gravidez, em que ele não mostra nenhum sentimento, mais uma vez alheando-se. Nós leitores sabemos que ele se acostumou à ideia, mas não disse isso à parceira. O silêncio dele induziu-a ao aborto e ao desgaste da relação, reforçando o isolamento.

Não podemos deixar de analisar, também, a sua relação com a mãe que vive um silêncio intrigante. Pela descrição que o narrador faz do que a irmã diz sobre a mãe, podemos inferir que é uma mulher que se prepara para a morte, tendo em vista que esta é uma etapa que, na modernidade, acontece de forma solitária. Isto é uma hipótese, não sabemos ao certo porque ela não fala com o filho, já que toda vez que ele liga só ouve o silêncio. O fato de ela precisar de enfermeiros e não querer nos leva a esta intuição, mas nada é preciso nesta constatação, ela pode não querer falar com ele por outro motivo, uma vez que ele também se mantém isolado.

Tudo o que sabemos desta senhora é o que ele imagina que ela esteja fazendo, como a tentativa de suicídio que ele supõe quando a mãe não abre a porta do apartamento. Nunca saberemos se ela realmente não queria falar com ninguém, se não queria falar com ele, ou, ainda, se ela realmente não falava nada ao atender ao telefone, já que por diversas vezes nesta narrativa ele percebe o mundo às avessas. O Outro que o vê pelo lado contrário do olho mágico, as torneiras que abrem para o lado inverso, as janelas que mudaram de lado na parede, o mundo canhoto, como ele chama. Tudo isso pode fazer parte do imaginário do único ente que nos faz conhecer esta história, nos levando à desconfiança e à reflexão sobre o silêncio da mãe.

O fato principal destas relações que deviam ser as mais importantes para o narrador explicita o profundo isolamento e imobilidade em que ele vive. Tendo como base o olho mágico que identificamos aqui como um espelho, concluímos que estas características, que ele identificou nelas, são dele. Se elas são realmente como ele imagina nunca saberemos, mas o que é certo é que ele se projeta nelas. É bem possível que os fragmentos delas estejam impressos nele, já que a identidade se forma destas relações.

Outro fator que este alheamento remete é ao título, levando o leitor a mais uma dualidade. O que realmente é o *Estorvo*? A alienação do personagem em relação ao mundo, ou seja, o que isso pode representar para o Outro; ou o que o mundo representa para o personagem alheio a ele. Uma terceira hipótese, tendo em vista a narração em primeira pessoa, pode ser o que o narrador pensa que representa. No entanto, este questionamento nunca se fechará, pois jamais saberemos o que pensam de fato os outros personagens.

Se nos atentarmos com um olhar mais apurado para este personagem, perceberemos que ele não é um simples preguiçoso, mas atua como uma contranarrativa do que é padrão, não incorporando discursos que o inserem em determinado grupo ou cultura. Isto lhe imprime um tom estrangeiro dentro do seu próprio círculo de relações. A impressão que dá é que ele se estilhaçou tanto ao abrir as suas cancelas a ponto de não conseguir pertencer a nada, e a lugar nenhum, justificando, assim, o seu isolamento.

3.1.3 Da provisoriedade e da opacidade da identidade contemporânea

A fuga proporciona a lembrança de um antigo amigo, de quem se isolou, uma vez que, em uma de suas andanças, passa e reconhece a rua em que aquele morava. Esta lembrança, unida à necessidade de esconder-se – do que não sabe o que é –, faz com que cogite a ideia de procurá-lo; no entanto, ele imagina que o antigo amigo, ao vê-lo pelo olho mágico, pense a mesma coisa que motivou a sua fuga, por não reconhecê-lo. Pensa que também não reconhecerá o amigo, pois se passaram cinco anos desde a última vez que se viram. Calcula que ele já não será mais o mesmo e parecerá uma cópia do amigo que conheceu.

Aquilo não me parecerá honesto. E eu não saberei lidar com alguém que me dará a impressão de ser uma cópia do meu amigo. Que passará a mão nos cabelos como ele passava, o que me enervará, pois quanto mais perfeita for a cópia, maior será a sensação de logro. E que morderá a língua do lado direito, como ele mordida

quando não gostava de alguma coisa, pois talvez ele também desconfie que eu seja uma cópia.⁴³

O que vemos com esta imaginação do protagonista é como ele percebe a provisoriedade identitária. Nós, no presente segundo, já não somos mais os mesmos do que no segundo que passou. Somos tão provisórios quanto é o tempo, estamos nos alterando a cada instante pelo que vemos, pelo que vivemos, pelo que interagimos, e isso nos torna incompletos e impossíveis de delinear, já que estamos em constante transformação. É como se o presente servisse de pano de fundo para projetarmos as memórias do que passou, e elas também são ficcionais, porque não retratam o fato ocorrido, mas como percebemos o que aconteceu.

Notamos também a ideia de provisoriedade, nesta narrativa, em relação aos espaços traçados pelo personagem, que parece um *flaneur* que transita por vários lugares, mas que não pertence a nenhum deles. Este homem é um sujeito deslocado, não se identifica com nenhum lugar, por isso o leitor tem a noção de que está traçando um labirinto e nunca encontra uma saída, sempre retornando aos mesmos espaços. O único lugar em que se sentia pleno era no apartamento em que morava com a ex-mulher e teve que sair dele. A partir desta constatação, inferimos que não há sentimento de pertença por parte deste personagem, ele vive sempre em uma zona de fronteira, invadindo o lugar/identidade do Outro e sendo invadido por ele.

A opacidade de sua identidade pode ser notada por meio simbólico. Em uma das suas idas ao sítio está chovendo na estrada, e a chuva no asfalto provoca um efeito de espelho em que a paisagem se reflete.

Vai passageiro em pé, perdi meu lugar na janela, meu vizinho de banco é corpulento, levo jóias no bolso, estou sentado em pedras, mas viajo com uma sensação de conforto. Acho que é porque chove, o asfalto espelhado, o verde retinto, árvores como roupa torcida, essa estrada é minha.⁴⁴

⁴³ BUARQUE, 2004, p. 41.

⁴⁴ Idem, *Ibidem*, p. 69.

Esta é uma das poucas situações em que o narrador se sente confortável. A primeira impressão é de que o efeito especular provocado pelo asfalto que reflete o duplo dá-lhe conforto porque é assim como ele se percebe em relação ao Outro. Outra impressão que podemos ter é de que esta paisagem molhada o remeta a um tempo ideal, o da infância. No entanto, ele afirma que “a chuva imprimiu-se mais tarde na memória”,⁴⁵ e isto possibilita uma terceira inferência, que é a de uma identidade opaca, pouco nítida, pois, quando chove, não conseguimos ver as coisas com clareza, a visão fica turva. A chuva causa um *Estorvo* à visão que não pode ter certeza do que está sendo visualizado, já que as gotas embaraçam a imagem. E assim é a imagem identitária pós-moderna que esta obra dá conta de muito bem representar. Outro fator simbólico que representa esta opacidade é a dúvida do que é sonho do personagem e do que é realidade, do que é imaginação e do que é verdade, deixando o leitor sempre na zona entre estas fronteiras.

Desconforto, opacidade, hibridismo, provisoriedade, isolamento, fragmentação, deslocamento, multiplicidade e a autorrepresentação no olhar do outro foram as marcas que localizamos e procuramos evidenciar neste estudo acerca da representação da identidade pós-moderna na narrativa *Estorvo*. Chico Buarque, através deste turbilhão de contradições, conseguiu exprimir por meio desta obra uma imagem do sujeito que somos através de imagens, símbolos e interações com os quais o narrador-personagem cruzou. Dessa forma, possibilita que o leitor, atento ao seu tempo, encontre identificação com a história narrada, dada a sua contemporaneidade e a representação não só da identidade particular, mas também da sociedade. Assunto sobre o qual trataremos adiante.

3.2 A NAÇÃO IMAGINADA EM *ESTORVO*

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas.

Chico Buarque

⁴⁵ BUARQUE, 2004, p. 70.

Estorvo, como qualquer narrativa, é um discurso imaginado, a trama se desenrola ou se enrola a partir de um ponto de vista único, e é deste ponto particular que devemos compreender a verdade contemporânea, que pode ser vista de formas diferentes considerando quem vê e de onde vê. Assim como qualquer história, o seu discurso está baseado na subjetividade, elegendo apenas um ângulo de onde são vistos os acontecimentos; dessa forma, coloca à sombra todas as outras visões sobre o ocorrido. Ainda que o narrador fosse onisciente, não poderíamos aceitar a narrativa como uma visão do todo, já que os fatos nunca poderiam ser narrados na íntegra, uma vez que um sujeito, mesmo que onisciente, não consegue ter uma visão do todo e nem uma memória que não perca nenhum detalhe.

A forma como é narrado o discurso das nações é semelhante a uma história ficcional que tem a intenção de expor parte dos acontecimentos que convém ao historiador ou ao fortalecimento do poder. Diante disso, se pode afirmar que Chico Buarque imaginou tal texto tendo como base o seu conhecimento e posicionamento no mundo, assim como um historiador narra a vida da humanidade. Mais uma vez podemos ver, por meio da arte literária, um pouco da nossa humanidade, o que Bhabha chama de contranarrativa, já que não é a história oficial, mas mostra uma parte da diferença que existe na sociedade que não é uma, mas composta pela diversidade.

Ao longo da exposição teórica acerca da constituição da nação, identificamos que uma das ideias que a caracteriza e a compõe é o discurso unívoco. É esse discurso unificador que tem a finalidade de imprimir uma identidade a determinado povo e não apenas o aspecto linguístico ou territorial. Tal discurso serve para a delimitação de fronteiras imaginárias que pretendem distinguir os costumes dos diferentes povos. Percebemos que o fenômeno da globalização está tornando cada vez mais porosa estas fronteiras, permitindo a fusão entre as diferentes culturas, e já não é mais possível dizer onde acaba uma fronteira e outra começa. Em que pese a relação de poder que ocorre na fusão destas culturas, já apontamos anteriormente que os países mais desenvolvidos têm maior trânsito para a incorporação das suas. No entanto, teóricos como Bhabha e Canclini trabalham o conceito de interculturalidade, já que não é a simples fusão de culturas, e sim a combinação

delas, aliada ao respeito às diferenças, que pode explicar a sociedade contemporânea.

É possível notar no texto *Estorvo* a ausência dos limites que dividem as culturas, porque ele mostra a convivência das diversidades, que podemos entender como hibridismo cultural, conforme propõe Canclini. Sendo assim, o texto de Buarque salienta a falta de um discurso uno para caracterizar a nação, procurando abarcar as diferenças que compreendem o todo social, não assumindo um discurso globalizante que também massifica, mas mostrando que uma nação se forma a partir da diversidade, apontando não só o centro, o que está em consonância com o conceito pedagógico proposto por Bhabha, como também a margem, o periférico que é o discurso performático. Entendemos que, dessa forma, o texto consegue dar conta de representar toda uma sociedade, não só a parcela que se enquadra no discurso oficial, mas também a parcela que não se adequa, a começar pelo seu narrador.

Afora esse caráter de representar diversos fragmentos sociais, a narrativa mostra, também de forma simbólica, o rompimento destas barreiras. É possível que o leitor perceba esse viés por meio da cancela do sítio. Ela aparece aberta, não dividindo o privado do público, tanto que o local é ocupado por um grupo que utiliza o espaço para plantação.

A entrada dos ocupantes pode ser lida como o fim de um discurso idílico que é muito forte na imaginação do narrador, já que é o lugar ideal de sua infância. Nesse momento de sua vida havia uma distinção classista, havia um distanciamento entre os patrões e os empregados, a qual ele rememora. No entanto, quando retorna, encontra o antigo caseiro e sua convivência é de igual para igual. Convivem também neste local, que podemos classificar como metonímia de uma sociedade, os traficantes, a polícia, além do dono da terra.

Os ocupantes cultivam no sítio uma plantação de maconha, a qual é agenciada não só pelos traficantes, mas conta ainda com a parceria de policiais que também tem interesse em ganhar com a manutenção da prática ilícita. Essa imagem é um paradoxo, uma vez que mostra coexistência entre a lei e o crime que se locupletam, se retroalimentam.

Outro grupo que povoa a narrativa é de abastados, o núcleo da irmã. Mesmo este grupo cria um ponto de contato com os outros por meio do irmão, que acaba aproximando estas fronteiras. Assim como podemos identificar o Brasil neste texto, é possível que outros leitores percebam a existência antitética de grupos com interesses que deveriam ser diferentes, mas que acabam por se completar, gerando novas práticas, que podem não ser as melhores; entretanto, não podem deixar de ser notadas, tampouco representadas nas contranarrativas.

Ainda que não se enquadre ou assuma nenhum grupo como seu, constata-se na narrativa que o protagonista circula por diferentes espectros da sociedade sem emitir nenhum juízo de valor acerca de suas práticas ou ações. Essa ideia nos permite perceber a diversidade que compõem uma sociedade que não pode ser representada por um único discurso.

3.2.1 A crise da representação nacional

O discurso da representação nacional tem um caráter enaltecedor para que, por meio da grandiosidade, os sujeitos se irmanem e se sintam partícipes de uma mesma trajetória, desconsiderando as fragilidades que também os compõem. Entendemos, por este motivo, que tal discurso pouco abarca da vida cotidiana, o que torna o discurso das nações imaginadas pouco verossímil e em constante corrosão. Deste ponto de vista, podemos constatar que tal discurso já nasceu em crise, pois não condiz com a realidade, uma vez que sombreia as minorias periféricas.

A trama de Chico Buarque traz a representação desta parcela escondida pela altivez dos discursos nacionais. O cotidiano descrito pelo narrador mostra como as relações, que deveriam irmanar os sujeitos por meio do respeito mútuo e das tradições, apontam para outro caminho, tanto no núcleo mais abastado como no mais humilde. A casa da irmã, além das relações serem muito impessoais e frias, também é palco da representação das ações mais corrosivas. É neste espaço que acontece o roubo das jóias pelo protagonista. Não existe nenhuma relação de reconhecimento do outro como igual neste episódio, o irmão que rouba a irmã por necessidade. Há, portanto, uma negação da noção de irmanamento, de

pertencimento, apontando para a fragilidade e a crise do discurso unívoco das nações.

Seguindo, ainda, a lógica da degradação do discurso e da corrosão das relações entre iguais, o texto apresenta, tendo o sítio como pano de fundo, a interação do caseiro com as crianças que lá habitam. Segundo a narração, houve um momento em que as crianças (no caso o protagonista) tinham este espaço como o paraíso idílico em um passado recente. Contudo, no presente da narração, as crianças são marginalizadas, são usadas como fonte de renda, no sentido de que são mandadas diariamente para um lugar onde vendem limão, a fim de trazerem dinheiro para o caseiro que as explora. Ora, se estas crianças é que serão o “futuro da nação”, estão sendo criadas em uma relação de exploração e não de percepção do outro como o seu reflexo, o discurso da tradição, que tinha a pretensão de ser uno é totalmente corroído, com esta cena apresentada. A ausência do sentido de irmandade, a fragilidade das relações, o não reconhecimento de si no outro, situações vastamente apresentadas no livro, são mostras da fragilidade dos discursos das nações frente ao mundo concreto.

Vimos que a identidade particular se forma por meio da alteridade, do que se vê do Outro. Vimos, ainda, que há um estranhamento do outro do ponto de vista interacional, pois, quando o Outro é explorado, o explorador se coloca em uma posição de poder acima deste. Dessa dualidade: eu me formo a partir do Outro, mas me vejo como superior a ele surge a lacuna dos discursos que tenta promover a unicidade sem considerar a diferença.

4 A IDENTIDADE E A NAÇÃO EM *LEITE DERRAMADO*

São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora.

Chico Buarque

4.1 ENTRE MEMÓRIAS E DESMEMÓRIAS

Seguir os vestígios de memórias de um homem centenário nos conduz por caminhos duvidosos e interessantes. Por vezes as suas histórias, em *Leite Derramado*, nos levam para verdadeiras estradas sem saídas, ou mesmo por uma via que se bifurca e, então, cabe ao leitor escolher qual o caminho seguir. Dessa forma, o texto nos permite participar do desfecho de cada fato narrado, ou mesmo admitir as várias possibilidades que a vida oferece. É a partir das histórias particulares contadas por Eulálio, o homem que viveu todo o século XX, trazendo consigo resquícios do século que o antecedeu e reflexos do que está por iniciar, que Chico Buarque nos brinda com mais uma leitura possível da história brasileira.

O texto apresentado em primeira pessoa é a narrativa de Eulálio, um sujeito que atravessou o século XX se adaptando a todas as mudanças ocorridas neste período, tanto no âmbito nacional como no pessoal. No momento em que a história é tecida, ele está internado em um hospital. Entre as suas lembranças e os seus esquecimentos, vamos conhecendo a sua trajetória de vida, que é um constante declínio do ponto de vista econômico, mas estável do ponto de vista evolutivo, já que ele é um sujeito fortemente adaptável. Ser seduzido por esse texto não é difícil, quanto mais lemos menos certeza temos sobre o que aconteceu. Mais intrigados ficamos em saber se a narrativa é uma memória próxima à realidade ou um efeito da morfina.

O sonífero não tem mais efeito imediato, e já não sei que o caminho do sono é como um corredor cheio de pensamentos. [...] Sirene na

rua, telefone, passos, há sempre uma expectativa que me impede de cair no sono. É a mão que me sustém pelos raros cabelos. Até eu topar na porta de um pensamento oco, que me trará para as profundezas, onde costumo sonhar em preto-e-branco.⁴⁶

O espaço da narrativa é um hospital, mas por meio das lembranças do narrador percorremos o Rio de Janeiro em vários períodos históricos. Notamos que, à medida que o personagem vai entrando em decadência econômica, ele vai migrando para bairros mais populares da cidade, reflexos da sua constante adaptação, tanto espacial como subjetiva.

A sua vida e a do Brasil são contadas, ora para a enfermeira, com quem pretende casar quando sair do hospital, comprovando o seu deslocamento da realidade dado o seu estado senil; ora para a filha, Maria Eulália, que também já é uma anciã de 80 anos e tem dificuldade em comunicar-se, segundo o protagonista. Ele narra a fim de registrar a sua travessia pela vida, e também não esquecê-la, lembrando um pouco o texto borgiano *Funes, o memorioso*. Constrói, assim, uma espécie de biografia, um tanto quanto duvidosa, dada às falhas de sua memória centenária.

Estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você me transcreva sem precisar ser taquígrafa, você está aí?⁴⁷

Sua mãe se alheou de tudo, da noite para o dia seu leite secou, nunca lhe contei essas coisas? Então me desculpe, esqueça, você deveria ter me advertido, dê cá um beijo. Vai ver andei delirando, e de bom grado voltarei a falar somente das coisas que você já sabe. Se com a idade a gente dá para repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmero. É para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópia dela, para hipótese da história extraviar.⁴⁸

⁴⁶ BUARQUE, 2009, p. 8.

⁴⁷ Idem, ibidem, p. 7.

⁴⁸ Idem, ibidem, p. 96.

Eulálio é descendente de uma família de boa posição social, é filho de um diplomata e senador importante no período republicano, conhecido como República do café com leite. O seu avô foi uma figura de destaque do Império no Brasil, latifundiário, possuía terras na Bahia, onde cultivava cacau, e em São Paulo, onde cultivava café. Além disso, era abolicionista ferrenho, o que nos leva a supor, por meio da narrativa, que é o período em que a escravidão estava em pleno colapso para que um homem em sua posição defendesse o fim do regime. Assim como os Eulálios que os antecederam – sim, todos os seus antecedentes, assim como os descendentes têm o nome Eulálio. O primeiro Eulálio Assumpção veio com a família real; dessa forma, o texto traz elementos históricos desde o Brasil colônia. E como na história da nação construída, há um processo de degradação também desta família, que parece evidenciado com a Crise de 29. Com a morte do pai, o poder da família perde força, já que o nosso narrador não tem uma boa articulação política, e, aos poucos, vai perdendo todos os contatos e privilégios herdados do pai. Fato que leva os Assumpção a iniciar o processo de venda dos bens imóveis, até chegar ao ponto de viverem de favores, uma vez que acabam se tornando sem-teto.

Ouçõ suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa.⁴⁹

Afora a narração acerca de sua família, Eulálio tem uma memória recorrente sobre a sua esposa Matilde, que desapareceu quando a filha era ainda lactente. O fim desta personagem é uma incógnita, pois cada vez que ele conta sobre a mulher ela tem um final diferente, ora morre de tuberculose, ora em acidente de carro; em outros lapsos de memória, aparece como suicida ou esquizofrênica. A paixão cultivada pela mulher é levada por toda a sua longa vida, pois ele amou Matilde em cada segundo de sua longa existência, tanto que seu ciúme parece confundir as suas lembranças, impossibilitando-nos de saber o que foi feito dela.

⁴⁹ BUARQUE, 2009, p. 50.

Além disso, é nos ires e vires desse infindável labirinto, que é a memória, que Eulálio nos mostra a sua mãe, uma mulher do século XIX que parece lhe impingir o seu tom superior. Balbino, o filho de escravo com quem conviveu na fazenda raiz da serra e que influenciou a sua constituição identitária adaptável, maleável. Pensar Eulálio traz à memória uma estrofe de uma canção da última obra musical de Chico Buarque:

Hoje o inimigo veio me espreitar
Armou tocaia lá na curva do rio
Trouxe um porrete a mó de me quebrar
Mas eu não quebro porque sou macio, viu.⁵⁰

Tudo o que poderia ter dado errado com o protagonista, deu. Após a morte do pai e o desaparecimento da mulher, foi roubado pelo marido da filha, o seu neto foi assassinado pelo regime militar, o seu bisneto morreu no que parece um crime passional (como ocorreu com seu pai), o seu tataraneto traficava drogas dentro e fora do País. E Eulálio se manteve firme, levando a vida sem grandes reclamações para quem declinou do centro à margem. A sua degenerescência foi acontecendo lentamente. Por uma boa parte de sua existência manteve, com pouco esforço, uma vida abastada, já no final dela estava na mesma condição de qualquer sujeito que, à beira da morte, começa a dementar. Parece que ele foi se reduzindo e, no final da vida, já não tinha mais nada. Ele foi perdendo tudo, e isso não diz respeito só a bens materiais. Além de sua memória já bastante cansada, um a um de sua descendência foi se perdendo com e no tempo.

Os coveiros estavam de má vontade, e quando o caixão bateu com peso no fundo da tumba. O baque abafado me soou como o fim da linha dos Assumpção. Para mim já estava bom, bastava.⁵¹

⁵⁰ CHICO, Canção Querido diário, 2011.

⁵¹ BUARQUE, 2009, p. 50.

E por falar em tempo, não podemos deixar de notar a importância desse aspecto nessa obra. Se em *Estorvo* o personagem trilhava o espaço e a imaginação, e o seu labirinto era circular por eles, em *Leite Derramado* o labirinto se constrói no tempo e na memória.

Nesta pequena descrição da obra *Leite Derramado* não podemos deixar de trazer a percepção de que toda a história narrada pelo protagonista não são memórias, mas devaneios, o que também não deixa de ser um discurso construído, assim como a história das nações. Essa é uma hipótese válida, porque a narrativa induz ao questionamento da condição atual do personagem, internado em um hospital simples, já que ele afirma ter economias das quais a filha não pode tomar conhecimento, além do fato de suas lembranças serem confusas e pouco delineadas.

Procuraremos analisar os fatos narrados sem considerar o que tem de real ou devaneio, pois não temos a pretensão de tentar explicar a obra por este aspecto, mas de perceber, nas suas entrelinhas, as marcas que constituem a identidade do sujeito e da nação por ele percebida e narrada.

4.2 A IDENTIDADE E TRANSITORIEDADE DO EU(LÁLIO) EM *LEITE DERRAMADO*

Ao contrário do personagem-narrador de *Estorvo*, que não consegue se adequar e saber o seu papel na sociedade, Eulálio traz na constituição de sua identidade a maleabilidade que um sujeito transitório precisa para estar inserido na esfera social, ainda que ao seu modo de entender a sociedade. Embora o narrador de *Leite Derramado* provenha da nata da elite brasileira, a sua trajetória de vida o levou a encontros com todas as classes sociais que compuseram o seu mosaico identitário, apontando-o como um homem fragmentado, híbrido. No entanto, todos os estilhaços que o formam não o tornaram um estrangeiro, que não dialoga com os grupos, ou com as culturas diferentes, mas tornaram-no um sujeito resignado que atravessou um século sem muitas dificuldades com as mudanças que foram acontecendo.

No caso deste personagem, o jogo de semelhança e diferença também acontece; entretanto, o resultado da alteridade vivida por Eulálio é um sujeito mais sociável que consegue transitar pelos mais diversos estratos e se sentir partícipe de cada um deles, ainda que no seu íntimo mantenha um ar de superioridade. O mais interessante é que este sujeito, mesmo em seu leito de morte, continua em construção, por isso a necessidade de se narrar. O que prova que não podemos buscar uma unicidade na representação do homem contemporâneo porque ele é constituído de muitos vieses e reflete o seu tempo de formas diferentes.

Presenciamos em *Leite Derramado* a busca do sujeito narrador por meio da lembrança, de uma história que o legitime, a fim de permanecer na memória dos que o ouvem e, assim, se manter vivo de alguma forma, ainda que, aparentemente, esteja no fim da sua existência.

Podemos perceber vestígios sobre a identidade do personagem por meio do significado do nome escolhido para ele: Eulálio, que significa bom orador. Verificamos que ele é um homem de fala muito articulada, e, se assim não fosse, não teria condição de tecer uma narrativa tão interessante como esta. Atribuímos tal característica, já anunciada pelo nome, como influência da família paterna que sempre, tendo em vista o que foi narrado, esteve presente no cenário político brasileiro, e a arte da oratória é uma característica importante para quem se envolve em tal tarefa. Embora este Eulálio nunca tenha militado ou assumido parte no cenário político nacional, ele desenvolveu este aspecto pelas influências do meio no qual estava inserido, mostrando, mais uma vez, como, o externo tem papel fundamental para a formação identitária. Mas esta pode ser apenas uma das ramificações que compõe este sujeito-rizomático.

Não podemos deixar de ressaltar que Eulálio teve grande influência identitária da elite nacional, dado o seu círculo familiar, e que há um processo de popularização do personagem à medida que as contingências vão alterando o seu padrão de vida. Mas não dá para negar que, desde criança, o ancião já convivia e percebia a diferença que está na formação do todo social, ainda que esta convivência se desse em uma relação de poder, em que ele estivesse em uma posição superior à do outro. A interação com os negros, escravos alforriados, da

fazenda do avô pode ser uma das relações que deu o caráter adaptável/maleável a este homem, tornando-o um híbrido.

No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto sem preconceito de cor. Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, da preferência sardentas. Nem a minha mãe, que ao me ver arrastando asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai.⁵²

A relação com Matilde é uma das mais exploradas na narrativa, mas o que nos interessa deste foco narrativo é como ela contribuiu para a formação da identidade do personagem. Matilde também era filha de político; no entanto, percebe-se na trama a disparidade da sua educação em relação à de Eulálio, e disso notamos a relação das diferenças culturais, ainda que em estratos sociais nivelados. Ela tinha um gosto popular, enquanto ele tinha uma veia mais elitizada, um tom pomposo. Ela gostava de samba e ele dançava valsa.

Eu cogitara mesmo em levá-la à recepção da embaixada, e para a ocasião ela havia feito as unhas e separado um vestido cor de laranja. Mas concluí que não valia a pena, Matilde ficaria encabulada naquele meio. Política não lhe interessava, negócios, muito menos, amava fitas de caubói, mas não sustentaria uma conversação sobre literatura.⁵³

Ele afirma não ser preconceituoso, mas podemos perceber nuances do incômodo que lhe causa, em alguns momentos, esta diferença existente entre os dois. Detectamos, aqui, uma ambivalência entre discurso e prática, que não é explicitada pelo narrador, mas sim se lermos nas entrelinhas, nas pequenas ações. Outro momento da narrativa em que podemos perceber o preconceito é por meio da filha Maria Eulália, que não aceita o neto negro. Se ela foi educada por Eulálio e

⁵² BUARQUE, 2009, p. 20.

⁵³ Idem, Ibidem, p. 44 e 45.

desenvolveu essa característica, pode-se inferir que tenha herdado o preconceito do pai, e este pode ser mais um viés da formação identitária do personagem, se o analisarmos a partir do que ele vê no Outro.

Outro fragmento perceptível do mosaico identitário de Eulálio é o seu viés cosmopolita. Atribuímos essa característica a suas constantes viagens ao velho mundo e com pessoas vindas de lá, como é o caso de Dubosc. Esse contato imprimiu-lhe uma visão mais maleável e apurada sobre o mundo, permitindo-lhe uma circulação, ainda que superficial, em diferentes estratos sociais, além de um afastamento, ou uma barreira criada entre o personagem e os grupos considerados marginais. Embora eles se relacionem aparentemente bem, é nos pequenos detalhes narrados que se nota a forma como se coloca em uma posição de superioridade, demonstrando a sua sensação de não pertencimento com os seus iguais da nação em que vive, reforçando a ideia de o personagem ser um espectador da vida.

Defendemos, anteriormente, com base no texto de Stuart Hall, a ideia de que as identidades contemporâneas são pouco delineáveis, por estarem em constante transformação e fluidez, e isso se pode notar também no protagonista. Os lapsos de memória utilizados para a construção da narrativa têm o poder de evidenciar este aspecto pós-moderno, uma vez que os silêncios da narração deixam escondidas características que poderiam ser cruciais para a definição do sujeito.

Além disso, o texto também apresenta a provisoriidade deste sujeito, que, a cada revés que a vida lhe apresenta, se ressignifica para se adequar às contingências. É bem verdade que mesmo em meio às eventualidades da vida e à necessidade de recriar-se, não deixa de trazer consigo nuances de todos os contatos anteriores que deram corpo a sua identidade, mas essa talvez seja a principal marca do homem provisório que representa o seu tempo.

4.3 O *LEITE DERRAMADO* E A DECADÊNCIA DA TRADIÇÃO FORMADORA DA REPRESENTAÇÃO NACIONAL

Se considerarmos a narração de Eulálio como uma criação acerca de si, a partir do ponto onde ele se enxerga como sujeito, não tendo compromisso com a realidade ou com a veracidade dos fatos, mas sim com o interesse de um narrador que pensa um personagem que ganha vida na ficção, logo faremos uma relação com a proposta de Benedict Anderson sobre a origem dos discursos nacionais e das suas identidades culturais. Isto é possível porque, como vimos anteriormente, a história oficial, que difunde o ideário nacionalista, também é tecida de forma semelhante à ficcional, evidenciando o que se quer que permaneça na memória coletiva e escamoteando o que deve perecer na sombra da lembrança nacional.

É nas desmemórias do protagonista que percebemos as dobras em que ficam ocultadas partes da história que não compõem o imaginário coletivo, pois, para estes eventos esquecidos, o tempo só faz deteriorá-los ainda mais, como o que acontece com as memórias mais remotas de Eulálio. Claro que o interesse do personagem é infinitamente menos pretensioso do que os discursos da representação nacional, pois pretende convencer a si e a quem o ouve; enquanto o outro é estreitar as afinidades de determinado grupo cultural. Ao evidenciarmos, a partir do texto literário, o que permanece nas dobras dos discursos – ou seja, aquilo não eleito para formar o padrão da identidade nacional – e apontarmos, também, para o esquecimento das diferenças nas histórias oficiais, o que percebemos é a existência de uma lacuna entre a narrativa oficial e a realidade, atribuída à corrosão e mutabilidade da representação nacional.

A família Assumpção, até o narrador, parece estar bem envolvida com a elite formadora do discurso nacional, motivo esse que justifica a sua necessidade de manter uma tradição, ou ao menos em parecer ter uma tradição. É na altivez da mãe de Eulálio que mais podemos vislumbrar a rigidez da tradição. A família estava em ruínas, mas ela continuava com o seu tom superior. Era uma tradição eurocêntrica a deles, e as suas constantes viagens ao velho mundo lhes impingiam o culto a uma cultura estrangeira. O protagonista, no final de sua narrativa, constrói para si uma tradição familiar européia:

meu tetravô, [...] O célebre general Assumpção deveria ter uns duzentos anos, parecia mais velho que Matusalém, no século retrasado desafiara Robispierre e agora jazia numa simples padiola.

[...] se intitulava camareiro de dom Afonso VI e acreditava estar no palácio de Sintra, em mil seiscentos e lá vai pedrada.⁵⁴

A tradição é entendida, aqui, como uma das ferramentas utilizadas pelas narrativas nacionais, transpostas das sociedades antigas, para difundir as suas ideias. Estas ideias elencadas para a formação de um ideário são conceituadas por Bhabha como discurso pedagógico, e têm a intenção de construir através dos meios institucionais – escolas, meios de comunicação, família, entre outros – um padrão cultural que norteará o modo de vida de um grupo irmanado por um mesmo ideal nacional. O fortalecimento de uma tradição familiar é interessante ao discurso, pois cria caminhos, pelos quais todos devem seguir; o que, em nossa opinião, entra em colapso justamente porque não considera outros tipos de pensamento que não o oficial. Para a família de Eulálio e para parte da elite nacional nela representada, a ideia de nação não é assimilada frente à acentuada tradição etnocentrista, em que prevalece o predomínio de uma cultura dita superior e que precisa ser copiada, e não o sentido de hibridismo cultural descrito por Canclini, em que as culturas se fundem, respeitando as diferenças, onde só é assimilado pelo Outro o que é possível, e não há imposição de uma cultura sobre a outra. Parece que não houve o processo de territorialização da cultura nacional para esta família, pois eles vivem como europeus nos trópicos, sendo estrangeiros em seu país.

Se considerarmos que a identidade cultural é necessária para a constituição do discurso de nação, e que este discurso de nação é deliberadamente construído para criar um sentido de irmandade, verificaremos que a tradição das elites nacionais, representada pelos Assumpção, é muito cínica na formulação desta ideia. Eles eram representantes de uma elite que esteve, até o tempo da morte de Eulálio-pai, muito próxima dos espaços de poder, ou seja, dos formuladores do discurso oficial. Mesmo assim, o cotidiano descrito no livro demonstra um acentuado grau de segregação cultural por parte da família Assumpção, bem como o predomínio de um padrão dito “culto” *versus* uma cultura dita “popular”. O que acontecia é que os Assumpção absorviam a cultura estrangeira, sem autocríticas, tendo em vista o papel da família para a contribuição de um processo de territorialização da nação.

⁵⁴ BUARQUE, 2009, p. 195.

Logo, a identidade que deveria ser nacional encontra resistências na heterogeneidade do grupo que a constitui. As culturas não se comunicam mesmo entre os membros de uma mesma nação. Aqui cabe um destaque: a família usa a cultura como uma forma de dificultar, para aqueles que consideram inferiores, a compreensão do que dizem. Isso fica muito claro em episódios em que principalmente a mãe de Eulálio fala francês à mesa para evitar que os empregados saibam o que estava dizendo. Essa noção de superioridade não se assenta somente na relação doméstica de patrão-empregado, mas é um cotidiano na vida da família. Aspectos da cultura nacional, nas mais diversas situações, são ridicularizados, *vide* as recriminações para o gosto de Matilde pelo maxixe, ou o episódio da quebra dos discos de samba por Eulálio. Isto demonstra a dificuldade da efetivação prática de um discurso nacional e que o tal discurso deve ser tomado pelo que é: ficção.

A morte do pai de Eulálio parece ser o evento narrativo desencadeador de uma mudança paradigmática tanto no plano pessoal do personagem quanto no espaço social no qual ele transita. Eulálio perde o pai, casa com Matilde, e uma série de acontecimentos o desloca de uma juventude abastada e tranquila para uma velhice miserável. A perda da mulher, o empobrecimento ocasionado pelo crack da bolsa em 29, mesmo a ascensão de Getúlio ao poder, contribuíram para que Eulálio assumisse esse papel de *flaneur*, que passivamente contempla a vida. Embora o protagonista se mantenha em uma confortável instabilidade, é por meio da sua contemplação sobre os personagens que se percebe o rompimento gradual da família Assumpção com a tradição e o processo de marginalização por ela incorporado. E é nesse afastamento da tradição que os descendentes do protagonista começam a ser muito representativos do pluralismo cultural que forma a sociedade brasileira, a parcela que normalmente fica nas dobras do discurso. São representantes da contracultura, o comunista, o negro, a bissexual, o traficante, as minorias caladas por uma narrativa que os desconsidera, mas que existem e engrossam as fileiras da resistência diante de uma nação que os escamoteia, que os esconde por não entender que também são partícipes da formação nacional, ainda que não se enquadrem em um discurso oficial.

É importante salientarmos que, mesmo com a decadência da família, e com ela o distanciamento das tradições, Eulálio e a filha não se percebiam como integrantes dos grupos mais pobres da sociedade com os quais começaram a conviver.

Adaptaram-se porque não perderam a sua característica de espectadores da vida, mas não se sentiam partícipes das margens. Como exemplo podemos citar o episódio em que Eulálio pega uma carona com policiais negros e os trata como escravos, ou, ainda, o repúdio de Maria Eulália pelo neto negro.

Era curioso porque, tirante o preto Balbino e um ou outro criado, eu não tinha gente da raça nas minhas relações, nem nunca avistei a mãe do menino, a dos nomes fictícios. E a cor do menino provinha dela, logicamente, eu não poderia esperar de um neto comunista que se juntasse com moça de pedigree.⁵⁵

Isso nos possibilita traçar um paralelo com a formação na nação americana, em que os crioulos não se juntaram aos nativos para unir forças para a construção da identidade nacional. Como vimos anteriormente, os crioulos optaram por não incluí-los porque os consideraram inferiores, assim como também eram considerados pela metrópole. Como em uma espécie de efeito cascata, excluíram o Outro por entenderem-se superiores, mesmo estando também na condição de estrangeiros. Os Assumpção, por mais que tenham se popularizado, mantiveram o seu padrão de estrangeiridade, reforçando esta ideia já levantada anteriormente, ao não criarem uma relação de pertença e irmanamento com os seus pares que formam a nação. O senso de comunidade não é desenvolvido pela família até a geração de Maria Eulália.

Perplexa, Maria Eulália olhava aqueles homens de calção à beira da estrada, as meninas grávidas ostentando as panças, os moleques que atravessavam a pista correndo atrás de uma bola. São os pobres, expliquei, mas para minha filha eles podiam ao menos se dar o trabalho de cair suas casas, plantar umas orquídeas.⁵⁶

Atribuímos a alteração da representação familiar da obra ao momento histórico vivido no País. Sabemos que, na década de 1920, muitos movimentos surgiram, a

⁵⁵ BUARQUE, 2009, p. 149.

⁵⁶ Idem, Ibidem, p. 177.

fim de fortalecer uma identidade nacional que abarcasse as várias tendências culturais formadoras da nação brasileira, em detrimento à cultura estrangeira, europeia, que era impingida a esta sociedade. No campo das artes, a Semana de Arte Moderna foi um marco dessa tentativa de hibridização cultural vivida pelo brasileiro, que por muito tempo foi desconsiderada. A imposição de uma cultura europeia, até então disseminada e vivida pelas elites, não englobava a parcela da população que vivia às suas margens, o que gerava uma crise identitária e uma resistência a tais paradigmas estabelecidos.

A senhora já deve ter lido que em 1930 os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossas tradições no lixo.⁵⁷

A necessidade de novos padrões culturais alterou o panorama nacional e obviamente mudou também a sua representação. Na literatura, percebe-se bem essa mudança à medida que abre espaço para a representação de tipos nacionais até então desconsiderados. Este processo, de conceituação e hibridização, lentamente foi dando vida a personagens capazes de evidenciar o todo nacional, muito mais do que a representação do fragmento social caracterizado pelo discurso unificado. A escritura de *Leite Derramado*, décadas depois do início deste processo, mostra bem as marcas e os marcos que deram origem a esta mudança de representação do padrão identitário. Todavia, cabe destacar que o atual processo de globalização, como comunidade imaginada, está contribuindo para a corrosão das representações nacionais, porque há nele uma internacionalização das culturas. Este é um fator preocupante, pois nele está implícito uma relação de poder, no qual há o predomínio de culturas ditas superiores em detrimento de culturas de nações menos desenvolvidas, do que podemos concluir, mais uma vez, pela disseminação de um padrão que desconsidera as diferenças e remete a uma nova caracterização dos discursos, externa ao âmbito da nação.

Procuramos, aqui, mostrar um pouco da identidade nacional por meio da arbitrariedade existente entre a representação una que se pretende e como

⁵⁷ BUARQUE, 2009, p. 77.

realmente acontece na prática cotidiana, que é a coexistência de diferentes padrões comportamentais. Tais padrões, por uma série de elementos postulados anteriormente, em muitos dos casos não se fundem, não se hibridizam, mas estão nas bases na formação das comunidades reais, ao contrário das imaginadas, que veem a nação como um todo metonímico, desconsiderando a realidade diversa dos sujeitos nacionais. Os textos analisados *Leite Derramado* e *Estorvo*, por meio da sua representação nacional, dão conta de iluminar estas diferenças cuidadosamente esquecidas pelo ideário da nação. Não procuramos com este estudo passar a ideia de que o extrato social que protagoniza as obras pesquisadas, que, no caso, são da elite brasileira, como únicas para a representação, no caso as mais abastadas; procuramos sim evidenciar a dificuldade dela em se relacionar com as demais vertentes da sociedade. Dessa forma concluímos que a unicidade nacional é utópica, tendo em vista que, no cotidiano das comunidades, as diferenças persistem e continuarão a segmentar a sociedade que também é um rizoma. E a crítica aqui não é para as segmentações, mas aos que a ignoram.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao início deste estudo, me propus a pensar e analisar duas obras de Chico Buarque por meio de duas lentes que deram o recorte a esta dissertação, que foram a identidade contemporânea e a constituição da nação. Sabia que a proposta não seria fácil de ser executada dada a ausência de distanciamento temporal para tal análise; no entanto, não considerei este fator como um impossibilitador de tal estudo, uma vez que não pretendo aqui encerrar esta discussão, pois entendo que a cada leitura de *Estorvo* e *Leite Derramado* surgirão novas compreensões acerca do tema eleito a ser tratado. Analisar o meu tempo não é tarefa que se conclua, assim como deve ter sido para os acadêmicos de séculos anteriores quando se propuseram a analisar a sua contemporaneidade, e isto acontece porque estamos vivendo e, por isso, nos reinventando, reconstruindo, reificando o nosso modo de ser e existir; sendo assim, a nossa identidade, tanto particular quanto cultural, não pode ser reduzida e represada em conceitos fechados, as identidades estão em constante mutação e hibridização. É com a consciência de que muito ainda há por dizer sobre esse assunto que parto para as considerações finais deste trabalho.

Procurei, ao longo deste estudo, salientar as características que estão na constituição do homem que vive a modernidade tardia. Compreendi este sujeito como o produto de uma série de transformações que abrangem o entendimento acerca do homem a partir do seu descentramento, e isso significa dizer que se compreende a identidade do sujeito pós-moderno como um produto da alteridade que se faz a partir do jogo de semelhança e diferença do que vê do Outro, e não mais apenas do que se vê acerca de si. Percebe-se que é por este fator que o homem contemporâneo está em constante construção, além de apresentar uma gama de vieses que o identificam e o definem como o sujeito inacabado, fluído, indefinido e aberto a novas ramificações. São as zonas de fronteiras possibilitadas pelas interações humanas que nos tornam sujeitos híbridos e porque não dizer rizomáticos, como define Gilles Deleuze. Percebe-se, ainda, que estas características elencadas para explicar as particularidades dos sujeitos são como uma metonímia para a explicação das identidades culturais, ou seja, é da alteridade

que explica os grupos sociais justamente porque podemos percebê-los a partir do que eles têm em comum ou diferente.

À luz destas idéias, avalio que as duas obras eleitas dão conta de representar tais identidades, pois, ao analisar os protagonistas-narradores tanto de *Estorvo* quanto de *Leite Derramado*, se percebem as suas complexidades identitárias formadas pelos encontros e desencontros com o Outro. São desses contatos que surge a possibilidade de lhes caracterizar como híbridos, embora tenham comportamentos diferentes frente ao mundo que os rodeiam, o que não deixa de ser uma característica humana. Ainda que em *Estorvo* o protagonista não consiga se adaptar em nenhum grupo pela sua identidade múltipla, tornando-se um estrangeiro no seu próprio círculo de relações; Eulálio, de *Leite Derramado*, pelo mesmo elemento constituidor, é um sujeito adaptável e maleável, ainda que com ressalvas. Esta diferença da relação com o mundo que cada personagem traz nas narrativas não destoam do que preconizam as teorias eleitas para a tentativa de explicar o homem do nosso tempo, porque é justamente a complexidade e a gama de influências externas que caracterizam a forma como cada um se percebe, se revela e se explica na sociedade.

Além disso, procurei explicar a constituição da representação nacional por meio das teorias eleitas, que evidenciaram a fragilidade desta ideia, que, ao buscar unificar a identidade social, acaba por limitar e desconsiderar as diversidades identitárias culturais que estão nos alicerces das sociedades. Estas considerações foram possíveis, pois, nas teorias de Benedict Anderson e Homi Bhabha, são marcadas pelas críticas a esse sistema que foi imaginado sem considerar as diferenças e elegendo o que se considera importante para a manutenção de um padrão comportamental que se pretende em determinada sociedade.

Considero importante ressaltar, ainda, que não entendo que as camadas sociais nas obras representadas sejam a metonímia da nação, mas creio que tal representação acontece na relação dela com os outros estratos que a margeiam; portanto, foi a partir deste entendimento que procurei evidenciar os aspectos nacionais e a sua representatividade nas obras literárias de Chico Buarque.

Concluída a primeira etapa proposta para este estudo, busquei as marcas e os fragmentos dos conceitos da identidade contemporânea e da representação

nacional das duas obras ficcionais eleitas. Foi a partir das leituras teóricas elencadas que se iluminaram os recortes pretendidos nas tramas das narrativas. Sendo assim, é plausível dizer que tanto em *Estorvo* quanto em *Leite Derramado* se constrói a representação do homem que vive a modernidade tardia dada às características impossíveis de serem definidas dos personagens que as povoam. Isto ocorre porque eles estão em constante formação, por estarem em contato com o mundo e com o Outro. São homens descentrados e complexos, que são formados e funcionam como mosaicos constituídos de uma gama de fragmentos que, vistos sozinhos, são somente estilhaços, mas que, em conjunto, formam um todo, não uno, porque sempre serão fragmentos, mas um todo retalhado capaz de evidenciar um conjunto de vivências e contatos possíveis pelas zonas de contatos interpessoais. Essas zonas de contatos funcionam como entrelugares, em que são feita a troca possível para a formação do “eu” e do “Outro” e viabilizam a hibridização, que também é uma marca do sujeito contemporâneo.

As obras eleitas também são relevantes, no sentido de mostrar o aspecto nacional. Isso não acontece por apontarem os sujeitos nacionais com uma única identidade cultural estabelecida pelos discursos pedagógicos conceituados por Homi Bhabha. Pelo contrário, é possível visualizar este aspecto na ficção exatamente na inter-relação das diferenças dos sujeitos que constituem os grupos que formam as sociedades. É na ambivalência do discurso da representação nacional e na sua prática que é possível identificar como a nação é formada por diferenças, e não por uma identidade que nivela e desconsidera as particularidades dos grupos que a formam.

A imposição de um padrão comportamental reduz as identidades ao invés de irmaná-las e hibridizá-las, e isso é explícito nos romances tecidos por Chico Buarque. Vimos que os protagonistas não se sentiam partícipes das margens, embora estivessem mergulhados nelas e fossem compostos por elas em suas identidades particulares, até existe uma adaptação às vicissitudes, mas não há uma consciência de pertencimento em relação aos grupos com os quais passaram a conviver. E foi essa fragilidade da nação que busquei evidenciar: a decadência da representação metonímica que pouco consegue mostrar a real composição nacional.

Conclui-se que, assim como as identidades particulares, a identidade nacional deve também ser percebida como um mosaico formado pelos mais diversos modos de expressão e influências que, por ora, se fundem e, por ora, se repelem e assim se reconstroem e desconstroem à medida que vão criando novos pontos de contatos. E na sociedade contemporânea as relações estão tornando cada vez mais fluídas as identidades culturais, tendo em vista os avanços tecnológicos e a globalização que estão deixando as fronteiras mais porosas.

Mais uma vez me rendo ao potencial criador do escritor Chico Buarque, que, como o sujeito rizomático que é, ofertou-nos com mais esta leitura da representação humana. Por meio das obras estudadas podemos perceber que foi com a transformação do gênero romanesco que possibilitou a identificação dos personagens com os sujeitos em que nos transformamos ao longo da grande história, que é narrativa humana.

Penso que os aspectos tratados estão longe de ser esgotados e que, após esta minha leitura através destes recortes identitários, muitas outras possíveis virão; no entanto, creio ter alcançado o intento deste estudo em evidenciar que *Estorvo* e *Leite Derramado* são obras importantes para representar as identidades contemporâneas e as suas complexidades.

Chego ao fim desta pesquisa com a dor do rompimento da relação que mantive com estas obras ao longo deste processo, e com a esperança de que muitas leituras sejam impulsionadas a partir desta possibilidade interpretativa.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

Barros, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUARQUE, Chico. *Estorvo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. *Leite derramado*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. Meu querido diário. Disponível em:
http://www.youtube.com/watch?v=9lfFq_461tY

CANCLINI, N.G. As Culturas híbridas em tempos de globalização. Introdução à edição de 2001. In *Culturas híbridas estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, EDUSP:2003.

_____. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

CÂNDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CARNEIRO, Mário de Sá. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/7-mario-de-sacarneiro>

CIAMPA, A.C. *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CUCHE, Denys. *La noción de cultura em las ciencias sociales*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2007.

DIOUF, Abdou. A serviço do pluralismo cultural. In *Dossiê Le monde diplomatique Brasil 02 – Línguas e identidades*. São Paulo: Instituto Pólis, 2011.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora vozes, 2004.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1976.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

JAMESON, Fredric. *O Inconsciente Político: A narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMBURGER, Käte. Fundamentos linguísticos teóricos. In: *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectica, 1986.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1988.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1989.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Porto Alegre: Globo, 1953.

MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, K. Primeiro manuscrito: Trabalho alienado. In: *Concepção marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. *O capitalismo*. Rio Janeiro: Civilização Brasileiro, 1968.

MONTIEL, Edgar. *Antônio Sidekum* (Org.). Alteridade e multiculturalismo. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cor da alma: ambivalências e ambiguidades da identidade nacional. In *Ensaio FEE*, Porto Alegre, V. 20, n.1, p. 123-133, 1999.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV*. Porto Alegre: LP&M, 2006.

PETRILLO, Regina Pentagna. *Memória e identidade no romance contemporâneo*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/16/memoria%20e%20identidade%20no%20romance%20comtemporaneo.pdf>.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2006.

SAID, Edward. *Representação do intelectual*. São Paulo, Cia das Letras, 2005.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

THOMPSON, J. B. *A ideologia e cultura moderna – teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WARNIER, Jean-Pierre. *A mundialização da cultura*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000.